



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

LIANE FONTENELE SANTOS

**TRANSFORMANDO A BIBLIOTECA ESCOLAR: ABORDAGENS PARA UM
AMBIENTE DE APRENDIZADO CRÍTICO E ACESSÍVEL**

FORTALEZA

2026

LIANE FONTENELE SANTOS

TRANSFORMANDO A BIBLIOTECA ESCOLAR: ABORDAGENS PARA UM
AMBIENTE DE APRENDIZADO CRÍTICO E ACESSÍVEL

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Laiana Ferreira de Sousa Dantas

FORTALEZA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S236t Santos, Liane Fontenele.
Transformando a Biblioteca Escolar : abordagens para um ambiente de aprendizado crítico e acessível / Liane Fontenele Santos. – 2026.
72 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2026.
Orientação: Profa. Dra. Laiana Ferreira de Sousa Dantas.
1. Biblioteca Escolar. 2. Inclusão . 3. Desenho Universal para Aprendizagem (DUA). 4. Mediação da informação . 5. Acessibilidade . I. Título.

CDD 020

LIANE FONTENELE SANTOS

TRANSFORMANDO A BIBLIOTECA ESCOLAR: ABORDAGENS PARA UM
AMBIENTE DE APRENDIZADO CRÍTICO E ACESSÍVEL

Monografia apresentada ao curso de Biblioteconomia do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Laiana Ferreira de Sousa Dantas

Aprovado em: 26/01/2026.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Laiana Ferreira de Sousa Dantas (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa (Examinador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Me. Angela Maria de Sousa Bezerra (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Hamilton Rodrigues Tabosa (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À minha mãe, Evanuzia, por ser meu porto seguro quando tudo parecia perdido.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, por ter me abençoado e guiado até aqui. À minha mãe, Evanuzia, por ser meu porto seguro e minha melhor amiga. Aos meus avós, Antônio e Maria, pelo amor e pelas orações, e às minhas tias Evanize, Rosa, Luzanira e Maria, e aos meus tios Marcos e Anailton, por todo o apoio e ajuda durante essa jornada.

Ao meu irmão Clediston, por todo o apoio e pelas fofocas compartilhadas, e aos meus primos, em especial aos mais novos, Hatfa, Erick, Luiza, Yanne e Elias, por serem uma das razões pelas quais continuo em pé e tentando sempre. Ao meu afilhado Nathiel, por ser a luz dos meus dias.

Aos meus padrinhos, Jucy e Tio, por todo o apoio e amor na minha jornada estudantil. À minha madrinha Olga, ao seu marido Jefferson e ao filho Petrus, por terem me recebido e acolhido em sua casa durante meu primeiro ano de faculdade. E à minha tia Ana, pelas escapadas em sua casa nos finais de semana.

À Fernanda Eduardo, Carlos “Carlin” Gomes e Sebastião Sotero Veras, pelo apoio constante e pela disponibilidade ao longo de todo o processo da graduação. À Yohanna e sua família, por todo o apoio e amizade, que foram essenciais durante o ano de 2024 até aqui.

Às minhas filhas felinas, Miya e Penélope, e à minha neta felina, Luiza Inácia, por tornarem meus dias mais leves. À minha namorada, Letícia, por estar ao meu lado nos momentos difíceis e nos fáceis, por aguentar o estresse de final de semestre e minhas novas obsessões do mês.

À Isabela e Jamili por terem sido as primeiras pessoas que eu falei quando entrei na universidade e por poder contar com vocês até hoje. À Fran, por ter me aturado até aqui; mesmo com os desentendimentos, esses quatro anos não teriam sido os mesmos sem você. À Nana, por ser calma em meio ao caos. E ao meu grupo Reitoria, por dar graça aos meus dias. À Mariana Honorato, por ter sido mais do que uma professora de reforço particular. Ao Andrew, por estar comigo desde 2012. E à Laila, por ter a melhor risada

Às minhas professoras, por todo o apoio e pelos puxões de orelha durante a minha vida escolar. Às tias Luciana, Verônica, Salete, Lúcia Helena, Dolores e Hermila, não teria chegado até aqui sem o incentivo de vocês. À minha professora do ensino médio, Francicarmem, por ser minha referência de profissional

Às bibliotecárias Isabela, Regina e toda a equipe da Biblioteca Pública Estadual do Ceará, por terem me acolhido e moldado minha conduta profissional. Às minhas colegas

estagiárias, Jamili, Camilly, Evelyn, Isabela e Ádila, por nossas pausas para o café. À Mariana, Emanuelle e Ângela, por todo o apoio, conselhos e risadas que compartilhamos sem vocês, 2024 teria sido sem graça.

À minha orientadora, professora Laiana, por todo o apoio, paciência e dedicação durante este processo. Sua orientação cuidadosa, suas sugestões sempre tão certeiras e o incentivo constante fizeram toda a diferença para o desenvolvimento deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico. Sou profundamente grata pela confiança e por cada contribuição que fortaleceu esta pesquisa do começo ao fim.

À Taylor Swift, por ter me confortado e inspirado com sua arte, e por transformar sentimentos em melodias que me acompanharam em cada fase dessa jornada.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória, o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

Este estudo investiga a biblioteca escolar como espaço estratégico para a mediação da informação e para o fortalecimento da inclusão educacional. Diante do fortalecimento das políticas inclusivas e do aumento das matrículas de estudantes da Educação Especial em classes comuns, este estudo analisa a aplicabilidade das metodologias ativas como estratégias de mediação da informação na biblioteca escolar, considerando seu potencial para promover acessibilidade, protagonismo e apropriação da informação à luz do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). A pesquisa, de abordagem qualitativa, exploratório-descritiva e aplicada, utilizou pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas semiestruturadas e observações em duas bibliotecas escolares. A análise dos dados seguiu a Análise de Conteúdo, com categorias orientadas pelos princípios do DUA: engajamento, representação e ação/expressão. Os resultados evidenciam barreiras físicas, informacionais e atitudinais, bem como práticas intuitivas alinhadas ao DUA, destacando o papel do bibliotecário como mediador pedagógico e promotor do desenvolvimento de competências informacionais e do pensamento crítico. Com base nesses achados, o estudo propõe diretrizes para a implementação de serviços inclusivos, fortalecendo a biblioteca escolar como um espaço de aprendizagem ativa, interativa e equitativa.

Palavras-chave: biblioteca escolar; inclusão; Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA); mediação da informação; acessibilidade

ABSTRACT

This study investigates the school library as a strategic space for information mediation and the promotion of educational inclusion. Considering the increasing enrollment of students with Special Education needs in mainstream classes, it analyzes the applicability of active methodologies as strategies for information mediation, guided by the Universal Design for Learning (UDL) principles, aiming to foster accessibility, student agency, and information appropriation. The qualitative, exploratory-descriptive, and applied research employed bibliographic and documental research, semi-structured interviews, and observations in two school libraries. Content analysis followed UDL-based categories: engagement, representation, and action/expression. Results highlight physical, informational, and attitudinal barriers, alongside intuitive practices aligned with UDL, emphasizing the librarian's role as a pedagogical mediator and promoter of information literacy and critical thinking. Based on these findings, guidelines are proposed for implementing inclusive services, reinforcing the school library as a space for active, interactive, and equitable learning.

Keywords: school library; inclusion; Universal Design for Learning (UDL); information mediation; accessibility.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Princípios do Desenho Universal de Aprendizagem (DUA).....	19
Quadro 1 –	Procedimentos metodológicos da pesquisa: objetivos, instrumentos e análise.....	19
Quadro 2 –	Roteiro de entrevistas: práticas de mediação da informação e princípios do DUA.....	44
Quadro 3 –	Planejamento pedagógico e colaboração entre biblioteca e professores.....	46
Quadro 4 –	Mediação da pesquisa escolar.....	47
Quadro 5 –	Mediação de leitura e participação dos alunos.....	48
Quadro 6 –	Organização do acervo e acesso à informação.....	49
Quadro 7 –	Inclusão e convivência no espaço da biblioteca.....	51
Quadro 8 –	Propostas de reestruturação dos serviços da biblioteca.....	51
Quadro 9 –	Práticas dos alunos e formas de expressão nas atividades da biblioteca.....	53
Quadro 10 –	Relação entre projetos desenvolvidos nas bibliotecas escolares e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).....	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	METODOLOGIA.....	16
2.1	Campo de pesquisa e participantes do estudo.....	17
2.2	Análise cruzada de conteúdo.....	17
2.3	Procedimentos de análises e tratamento de dados.....	18
3	DA BIBLIOTECA TRADICIONAL AO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM.....	21
3.1	Origens e evolução das bibliotecas.....	21
3.1.1	<i>Transformação do papel do bibliotecário de guardião do acervo ao facilitador da aprendizagem.....</i>	24
3.2	Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem e desenvolvimento do pensamento crítico	28
3.3	Práticas de aprendizagem na biblioteca escolar: abordagens aprendizagem por projetos e metodologias ativas	30
4	A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO INCLUSIVO: QUEBRANDO BARREIRAS, ABRINDO PORTAS.....	33
4.1	Acessibilidade e tecnologias assistivas na biblioteca escolar	34
4.2	Bibliotecas Escolares: Atendimento e Acessibilidade	36
4.3	O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) na Mediação da Informação.....	40
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	44
5.1	Planejamento pedagógico e engajamento dos alunos nas práticas da biblioteca escolar (Princípio do Engajamento).....	45
5.2	Representação da informação e acessibilidade nos acervos, no ambiente e nas práticas bibliotecárias (Princípio da Representação).....	48
5.3	Ação, expressão e protagonismo dos alunos nas atividades da biblioteca (Princípio da Ação/ expressão).....	52
5.4	Diretrizes propositivas para a mediação da informação sob a perspectiva do DUA.....	55
5.4.1	<i>Diretrizes baseadas nos múltiplos meios de engajamento.....</i>	55

5.4.2	<i>Diretrizes baseadas nos múltiplos meios de representação</i>	56
5.4.3	<i>Diretrizes baseadas nos múltiplos meios de ação e expressão</i>	56
6	CONCLUSÃO	58
	REFERÊNCIAS	60
	APÊNDICE A – Respostas integrais das entrevistas sobre as bibliotecas escolares	67
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO	71

1 INTRODUÇÃO

No cenário educacional contemporâneo, faz-se necessário combater o mito de que a biblioteca escolar se limita à função de depósito de livros, reconhecendo-a como um espaço educativo estratégico que desempenha papel central no apoio ao processo de ensino-aprendizagem. Conforme Motta (1999), para que esse espaço cumpra sua função, ele deve estar plenamente integrado à organização da escola, facilitando o desenvolvimento da competência informacional e da curiosidade intelectual. Mais do que um suporte físico, a biblioteca configura-se como um laboratório de formação crítica, onde a interação entre alunos, professores e bibliotecários é o grande facilitador da aprendizagem.

Nesse sentido, Kuhlthau (2004) destaca que, ao reconhecerem os momentos críticos da busca por informação, os mediadores podem propor intervenções pedagógicas mais significativas. Essa visão dialoga com as Diretrizes da IFLA (2016), que defendem a biblioteca como um espaço para a aprendizagem ao longo da vida, onde a autonomia e o pensamento crítico são estimulados por meio de práticas dinâmicas e participativas.

Entretanto, para que a biblioteca escolar se consolide como um espaço efetivo de aprendizagem, ele precisa ser acessível a todos. Essa necessidade torna-se urgente diante do avanço das políticas de inclusão. A Lei nº 13.146/2015 (Brasil, 2015) estabelece o compromisso com a eliminação de barreiras para pessoas com deficiência, garantindo-lhes o pleno exercício da cidadania. A relevância desse compromisso é confirmada pelos dados do Censo Escolar 2024, que indicam um contingente de 2,1 milhões de alunos na Educação Especial, a maioria matriculada em classes comuns. Este cenário impõe à biblioteca escolar o desafio de se reinventar para acolher uma diversidade de ritmos, habilidades e formas de expressão.

Esse cenário evidencia o fortalecimento das políticas inclusivas e desloca o foco do acesso para a permanência, a participação e a aprendizagem no cotidiano escolar. O crescimento mais expressivo na Educação Infantil, especialmente em creches e na pré-escola, reforça a necessidade de práticas pedagógicas e de mediação da informação inclusivas desde os primeiros anos de escolarização, atribuindo à biblioteca escolar um papel estratégico na promoção do acesso equitativo à informação e à leitura.

Pode-se aferir que o sucesso da inclusão não depende exclusivamente da atuação do bibliotecário como agente pedagógico, mas exige, de forma indispensável, o estabelecimento de um diálogo efetivo entre professores e bibliotecários, ainda pouco presente no cotidiano escolar. Como afirmam Almeida, Costa e Pinheiro (2012), a estrutura física não basta se não houver um profissional comprometido com a mediação. Contudo, existe um distanciamento

entre o que a legislação e a teoria propõem e o que ocorre no cotidiano escolar. Paiva (2018) observa que a valorização da biblioteca escolar ainda reside muito nos discursos e pouco na prática, onde muitas vezes o espaço permanece subutilizado ou limitado a funções burocráticas, como o empréstimo de livros. Essa falta de modernização, somada à carência de materiais acessíveis e metodologias inclusivas, compromete o protagonismo dos estudantes com deficiência.

No entanto, muitas bibliotecas escolares ainda enfrentam limitações estruturais e conceituais que restringem seu potencial educativo. Frequentemente reduzidas à função de empréstimo de livros, deixam de ser reconhecidas como espaços de aprendizagem ativa e colaborativa. Essa realidade é agravada pela ausência de políticas inclusivas, materiais acessíveis e formação continuada para os profissionais que nela atuam, comprometendo o acesso equitativo à informação e o desenvolvimento crítico dos estudantes.

Nesse cenário, as metodologias ativas emergem como estratégias pedagógicas capazes de fortalecer a mediação da informação na biblioteca escolar, ao promoverem a participação efetiva dos estudantes no processo de construção do conhecimento. Conforme Moran (2018), essas abordagens partem de atividades que buscam colocar o estudante como protagonista de sua própria aprendizagem, incentivando a pesquisa, a reflexão e a tomada de decisão. Ao deslocar o aluno da posição de receptor passivo para sujeito ativo na construção do conhecimento, essas estratégias favorecem o engajamento e o desenvolvimento de competências informacionais, aspectos essenciais em contextos educacionais inclusivos.

No entanto, para que o protagonismo proposto pelas metodologias ativas seja plenamente exercido por estudantes com deficiência, é imperativo que o ambiente e as práticas de mediação sejam planejados sob a lógica da acessibilidade plena. É nesse ponto que esta pesquisa se fundamenta no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Diferente de adaptações pontuais feitas "a posteriori" para alunos específicos, o DUA propõe uma mudança estrutural: o planejamento de currículos, espaços e recursos que antecipem a diversidade humana desde a sua gênese.

Baseado nas neurociências, o DUA organiza-se em três pilares fundamentais: os múltiplos meios de engajamento (o "porquê" da aprendizagem), de representação (o "quê" da aprendizagem) e de ação e expressão (o "como" da aprendizagem). Conforme explicitam Meyer, Rose e Gordon (2014), o objetivo central dessa abordagem não é "corrigir" as limitações dos estudantes, mas sim identificar e remover as barreiras presentes nos métodos e materiais de ensino, garantindo que cada indivíduo tenha oportunidades equitativas de aprendizagem.

Assim, esta pesquisa busca compreender como a biblioteca escolar pode se consolidar como um espaço ativo e verdadeiramente inclusivo, onde as metodologias ativas, amparadas pelos princípios do DUA, garantam que a mediação da informação alcance a singularidade de cada estudante.

Para orientar esta investigação, definiu-se como questão de pesquisa: **De que maneira as metodologias ativas podem ser aplicadas às práticas de mediação da informação na biblioteca escolar para superar barreiras de acessibilidade e efetivar o protagonismo de estudantes com deficiência?**

O objetivo geral deste estudo é analisar a aplicabilidade das metodologias ativas como estratégias de mediação da informação na biblioteca escolar, considerando seu potencial para promover a apropriação da informação e o protagonismo de estudantes com deficiência, à luz do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Como objetivos específicos, pretende-se:

- a) Discutir o papel do bibliotecário escolar como mediador da informação, relacionando metodologias ativas, competência em informação e autonomia dos estudantes;
- b) Caracterizar as dimensões da acessibilidade física, informacional e atitudinal na biblioteca escolar, à luz das diretrizes legais e dos desafios práticos da inclusão;
- c) Investigar as estratégias de mediação da leitura adotadas por bibliotecários escolares, com foco na participação de estudantes com deficiência;
- d) Diagnosticar barreiras informacionais, físicas e atitudinais a partir dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (engajamento, representação e ação/expressão);
- e) Propor diretrizes para a implementação de serviços e produtos informacionais inclusivos na biblioteca escolar, integrando metodologias ativas.

A observação do potencial ainda pouco explorado das bibliotecas escolares, aliada à percepção do impacto direto do trabalho do bibliotecário no processo educativo, motivou a escolha deste objeto de estudo. Acredito que a biblioteca escolar pode e deve ser um espaço vivo, plural e acolhedor, capaz de estimular o pensamento crítico e promover autonomia intelectual. Além disso, o interesse por essa temática fundamenta-se na minha trajetória acadêmica e nas experiências vividas em bibliotecas, tanto como leitora quanto como estagiária. Essas vivências despertaram em mim o desejo de compreender como esses espaços podem transformar, de fato, a experiência educacional dos alunos.

Assim, este estudo nasce tanto de uma necessidade acadêmica quanto de um compromisso pessoal com a construção de bibliotecas mais inclusivas, participativas e transformadoras.

A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza aplicada e caráter exploratório-descritivo, utilizando pesquisa bibliográfica e documental, além de entrevistas semiestruturadas com bibliotecários escolares (ou responsáveis pelos espaços de leitura). Os dados são analisados por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), com categorias orientadas pelos princípios do DUA, e subsidiam a proposição de diretrizes para o fortalecimento da biblioteca escolar como espaço de aprendizagem ativa, inclusiva e mediadora da informação.

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho está organizado em cinco capítulos. O Capítulo 2 apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa, detalhando a abordagem, os instrumentos de coleta e os critérios de análise dos dados. O Capítulo 3 discute a transição da biblioteca escolar tradicional para um espaço de aprendizagem, enfatizando o papel do bibliotecário como mediador da informação e a incorporação de práticas pedagógicas inovadoras. O Capítulo 4 aborda a biblioteca escolar como espaço inclusivo, analisando as dimensões da acessibilidade e os desafios relacionados à superação de barreiras físicas, informacionais e atitudinais, à luz do Desenho Universal para a Aprendizagem. Por fim, o Capítulo 5 apresenta a análise e a discussão dos resultados, articulando os dados empíricos com o referencial teórico adotado, a fim de compreender as contribuições da biblioteca escolar para a promoção de práticas inclusivas e de aprendizagem ativa.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza aplicada e de abordagem exploratório-descritiva. Esse delineamento possibilita compreender as práticas realizadas no contexto da biblioteca escolar e, simultaneamente, contribuir para a proposição de recomendações voltadas à promoção da inclusão e da acessibilidade informacional, em consonância com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Fleury e Werlang (2017) reúnem diferentes concepções para definir a pesquisa aplicada, compreendendo-a como aquela que atende a distintos grupos de interesse, exige rigor metodológico e relevância social, fundamenta-se em princípios éticos, pode recorrer a diferentes procedimentos metodológicos e produz impactos que extrapolam a dimensão acadêmica, alcançando outras esferas da realidade social.

A pesquisa qualitativa constitui a escolha mais adequada para este estudo, uma vez que possibilita a análise do mundo empírico em seu contexto natural, valorizando o contato direto do pesquisador com a realidade investigada e o uso de instrumentos como entrevistas, registros de campo e documentos (GODOY, 1995, p. 62–63). No contexto da biblioteca escolar, a abordagem qualitativa permite compreender as práticas de mediação da informação, inclusão e acessibilidade, bem como identificar barreiras e potencialidades que não seriam apreendidas apenas por indicadores quantitativos.

Para atender aos objetivos propostos, foram empregados os seguintes procedimentos:

a) a pesquisa bibliográfica tem como foco documentos que já passaram por tratamento analítico, sendo, na maior parte das vezes, publicados na forma de livros ou artigos (JUNIOR *et al.*, 2021, p. 42). Nesse sentido, esta pesquisa fundamenta-se em autores nacionais e internacionais das áreas da Biblioteconomia, Educação e Ciência da Informação, bem como em documentos e diretrizes de organismos internacionais, como a IFLA;

b) a pesquisa documental constitui um procedimento metodológico decisivo nas ciências humanas e sociais, uma vez que a maior parte das fontes escritas, ou não, serve de base para o trabalho de investigação (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 13). Nesse sentido, este estudo adota a pesquisa documental por meio da análise de legislações, diretrizes, resoluções e demais documentos oficiais, incluindo aqueles relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), pertinentes à temática da biblioteca escolar e da educação inclusiva.;

c) a pesquisa apresenta caráter propositivo, uma vez que os dados obtidos e as reflexões teóricas desenvolvidas, servirão de base para a elaboração de diretrizes e recomendações voltadas ao fortalecimento da biblioteca escolar como espaço de aprendizagem ativa, inclusiva e mediadora da informação.

2.1 Coleta de dados e instrumentos

A coleta de dados será realizada por meio de **entrevistas semiestruturadas**. As entrevistas semiestruturadas serão realizadas com bibliotecários escolares responsáveis pelas bibliotecas, visando aprofundar a compreensão sobre as práticas de mediação da informação e da leitura, o uso (ou não) de metodologias ativas e as estratégias adotadas para favorecer a participação de estudantes com deficiência. Esse instrumento está diretamente vinculado aos objetivos de discutir o papel do bibliotecário como mediador da informação, investigar práticas de mediação e diagnosticar barreiras informacionais e atitudinais à luz dos princípios do DUA.

2.2 Campo de pesquisa e participantes do estudo

A definição do campo de pesquisa considerou critérios institucionais e estruturais relacionados à presença e ao funcionamento efetivo de bibliotecas escolares. Para subsidiar essa escolha, foi realizado contato, via e-mail, com o Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB), que destacou a relevância do estudo para a área da Biblioteconomia e indicou o QEdu como principal fonte de dados para identificação de escolas que possuem biblioteca e/ou sala de leitura, por reunir informações atualizadas sobre as instituições de ensino.

Segundo informações repassadas pelo CRB, o município de Fortaleza possui 1.602 escolas, sendo 302 da rede municipal. De acordo com dados da Secretaria Municipal da Educação (SME), existem apenas dez bibliotecários distribuídos por regionais, responsáveis pela execução das atividades técnicas nas bibliotecas escolares da rede pública. Além disso, o CRB ressaltou que a existência de biblioteca ou sala de leitura não garante, necessariamente, a presença de bibliotecário, uma vez que as fiscalizações ocorrem por amostragem ou mediante denúncia.

Diante deste cenário, optou-se pelo recorte em instituições privadas de ensino, considerando a maior possibilidade de encontrar bibliotecas escolares estruturadas, com funcionamento regular e desenvolvimento sistemático de ações de mediação da informação e incentivo à leitura, aspectos fundamentais para o alcance dos objetivos desta pesquisa.

Entre as instituições participantes, destaca-se o Colégio Santa Cecília, localizado no bairro Aldeota, instituição privada de ensino fundamental e médio. A escola mantém a Biblioteca Madre Agathe Verhelle, que funciona no horário das 7h15 às 18h e dispõe de acervo composto por livros, revistas históricas, gibis e materiais de referência, como dicionários e enciclopédias, destinados ao atendimento da comunidade escolar e ao apoio às práticas pedagógicas e de mediação da informação.

Destaca-se também o Colégio Conexão Saber, instituição privada de ensino localizada no município de Fortaleza (CE), com unidades nos bairros Passaré, Messejana e Aldeota. A escola mantém a Biblioteca do Colégio Conexão Saber, unidade Passaré, destinada ao atendimento da comunidade escolar, com acervo composto por obras infantis, infantojuvenis, educativas, gêneros literários diversos, biografias e histórias em quadrinhos, organizadas por critérios de faixa etária e classificação bibliográfica, com o objetivo de apoiar as práticas pedagógicas, a mediação da informação e o incentivo à leitura.

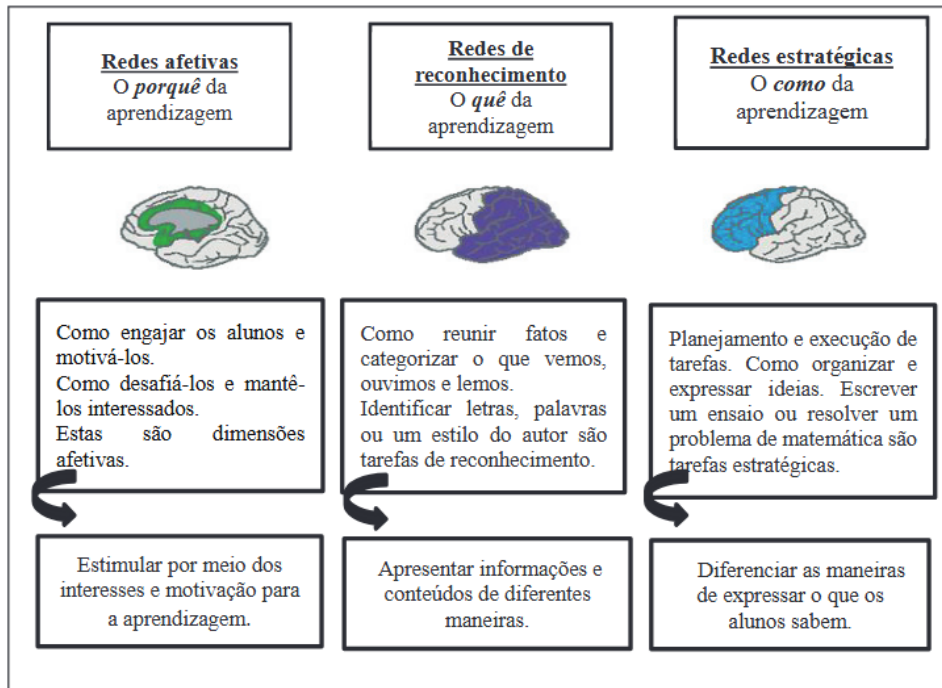
A população-alvo da pesquisa compreende os bibliotecários escolares das instituições selecionadas, por serem profissionais diretamente envolvidos nas práticas pedagógicas e nas ações de mediação da leitura e da informação no contexto da biblioteca escolar. Essa delimitação possibilita a compreensão de diferentes perspectivas acerca do papel da biblioteca escolar e do bibliotecário, bem como do impacto de suas práticas no processo de ensino-aprendizagem, considerando a diversidade institucional, o contexto sociocultural e a realidade das escolas participantes.

2.3 Procedimentos de análises e tratamento dos dados

Após essas etapas, foi desenvolvida uma análise cruzada de conteúdo, fundamentada em Bardin (2011), com o objetivo de identificar categorias temáticas e padrões de significação. Por fim, os dados analisados foram organizados e interpretados à luz do referencial teórico, permitindo a formulação de reflexões e propostas de aprimoramento para a atuação do bibliotecário e para o fortalecimento da biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, inclusão e desenvolvimento do pensamento crítico.

A inovação metodológica deste trabalho está na definição das categorias de análise. As falas dos bibliotecários serão categorizadas e interpretadas com base nos três princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Figura 1 - Princípios do Desenho Universal de Aprendizagem (DUA)



Fonte: Zerbato; Mendes, 2018

A **Categoria 1 – Engajamento (o “porquê”)** analisa de que forma as práticas desenvolvidas contribuem para motivar e manter o interesse dos alunos com deficiência.

A **Categoria 2 – Representação (o “o quê”)** analisa os formatos e suportes informacionais oferecidos, como livros, áudios e imagens.

A **Categoria 3 – Ação e Expressão (o “como”)** analisa as possibilidades de os alunos demonstrarem seu aprendizado e interagirem com a informação.

A fim de assegurar a coerência entre a questão de pesquisa, os objetivos específicos e os procedimentos metodológicos adotados, apresenta-se o Quadro 1, que sistematiza a relação entre cada objetivo específico, os instrumentos de coleta de dados utilizados e o tipo de análise empregado. Essa organização evidencia como os instrumentos selecionados contribuem diretamente para a investigação da problemática proposta, permitindo analisar as práticas de mediação da informação na biblioteca escolar à luz das metodologias ativas e dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Quadro 1 – Procedimentos metodológicos da pesquisa: objetivos, instrumentos e análise

Objetivo específico	Instrumento de coleta de dados	Tipo de análise
----------------------------	---------------------------------------	------------------------

Discutir o papel do bibliotecário escolar como mediador da informação, relacionando metodologias ativas, competência em informação e autonomia dos estudantes	Pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com bibliotecários escolares.	Análise teórica e Análise de Conteúdo (Bardin, 2011)
Caracterizar as dimensões da acessibilidade física, informacional e atitudinal na biblioteca escolar, à luz das diretrizes legais e dos desafios práticos da inclusão	Pesquisa documental (legislação e diretrizes) e entrevista semiestruturada com os bibliotecários da instituição.	Análise documental e Análise de Conteúdo
Investigar as estratégias de mediação de leitura adotadas por bibliotecários escolares, com foco na participação de estudantes com deficiência	Entrevistas semiestruturadas com bibliotecários escolares (ou responsáveis pelo espaço de leitura)	Análise de Conteúdo, com categorização temática
Diagnosticar barreiras informacionais e atitudinais a partir dos princípios do DUA (engajamento, representação e ação/expressão)	Entrevistas e a observação do espaço.	Análise cruzada de conteúdo, categorizada segundo os princípios do DUA
Propor diretrizes para a implementação de serviços e produtos informacionais inclusivos, integrando metodologias ativas	Síntese dos dados empíricos (observação do espaço e entrevistas) articulados ao referencial teórico	Análise interpretativa e abordagem propositiva

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, a terceira etapa compreenderá a análise cruzada de conteúdo, baseada nos dados obtidos nas observações do ambiente e entrevistas semiestruturadas. Essa análise buscará percepções, práticas e desafios relacionados à atuação da biblioteca escolar e do bibliotecário, permitindo uma leitura comparativa entre os diferentes contextos observados. O objetivo final é propor estratégias que favoreçam a atuação do bibliotecário como agente mediador do conhecimento e promotor do pensamento crítico no ambiente escolar.

Desse modo, os dados coletados subsidiam a etapa propositiva da pesquisa, na qual serão elaboradas diretrizes para a implementação de serviços e produtos informacionais inclusivos, integrando metodologias ativas como estratégias de mediação da informação, em consonância com os objetivos do estudo.

3 DA BIBLIOTECA TRADICIONAL AO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

Desde o início da humanidade, o homem tem se preocupado em registrar todo o conhecimento produzido por ele. Esta forma de registro evoluiu desde os blocos de argila até o armazenamento de dados em uma rede digital (Santos, 2012, p. 175). O surgimento das primeiras bibliotecas, como conhecemos hoje, remonta ao segundo milênio a.C. na Mesopotâmia.

Ao longo do tempo, as bibliotecas passaram por diversas transformações, acompanhando as mudanças sociais, tecnológicas e educacionais de cada época. O papel do bibliotecário, antes limitado à guarda e conservação do acervo, ampliou-se para o de mediador da informação e facilitador da aprendizagem. Nesse contexto, a biblioteca escolar deixa de ser apenas um espaço físico de consulta e passa a ser reconhecida como um ambiente de aprendizagem ativa, colaborativa e criativa, que estimula o pensamento crítico e o desenvolvimento integral do aluno.

Dessa forma, este capítulo propõe uma reflexão sobre a transição da biblioteca tradicional para a biblioteca escolar como espaço de aprendizagem, abordando suas origens e evolução, a resignificação do papel do bibliotecário e a incorporação de práticas educativas que se consolidam nesse ambiente, como a aprendizagem por projetos e o uso de metodologias ativas.

3.1 Origens e evolução das bibliotecas

Uma das bibliotecas mais imponentes da Antiguidade foi a de Nínive. Seu acervo era composto por tabuletas de argila, organizadas por assuntos e identificadas por marcas que indicavam sua localização. Já a Biblioteca de Pérgamo, localizada na Ásia Menor, reuniu um numeroso grupo de eruditos e literatos, encarregados de realizar estudos linguísticos e literários. Teve grande importância histórica, sendo responsável pela invenção do pergaminho.

Porém, destaca-se a Biblioteca de Alexandria como o ápice da organização do conhecimento desse período, durante “sete séculos, entre os anos de 280 a.C a 416 d.C, “[...] reuniu o maior acervo de cultura e ciência da Antiguidade” (Santos, 2012, p. 180).

Nesse período, o bibliotecário exercia múltiplas funções, atuando não apenas como organizador das obras, mas também como tutor intelectual. A ideia de uma biblioteca pública acessível à população remonta ao período romano, sendo atribuída inicialmente a Júlio César, que teria planejado criar em Roma um espaço destinado à conservação e difusão do saber, inspirado nas grandes bibliotecas de Alexandria e Pérgamo

As bibliotecas escolares surgiram no Brasil com a chegada dos jesuítas, conforme apontam Sala e Militão (2017). Dessa forma, a origem da biblioteca escolar brasileira está diretamente associada ao início da educação no país. No entanto, a biblioteca ainda é percebida apenas como uma extensão física da escola, um local destinado ao estudo ou utilizado como substituto eventual da sala de aula. Essa visão reducionista reforça uma concepção tradicional e ultrapassada, desconsiderando o verdadeiro potencial da biblioteca como espaço de aprendizado, mediação e formação crítica.

Durante as décadas de 1930 e 1980, pode ser observada, de modo geral, a ausência de uma política nacional que contemple a biblioteca escolar de forma específica, sendo observadas apenas ações locais isoladas que, ao longo do tempo, acabam por perder forças, devido à falta de incentivo ou ações governamentais descontinuadas” (Sala; Militão, 2017, p. 2).

Sala e Militão (2017) afirmam que, mesmo sendo reconhecida como um ambiente de mediação de saberes, portanto, indispensável para a construção do senso crítico, para o processo de mediação da informação e para a promoção da inclusão, a ausência da biblioteca escolar no Plano Nacional de Educação evidencia a falta de políticas públicas consistentes e valorização a esse espaço essencial para o desenvolvimento educacional.

Apesar de sua importância reconhecida, podemos ver como a B.E ainda sofre com a falta de políticas públicas efetivas no Brasil. Segundo Terso e Sienna (2021), embora haja avanços, a biblioteca escolar permanece à margem das prioridades educacionais. A Lei nº 12.244/2010, que trata da universalização das bibliotecas escolares, é um marco, mas sua implementação ainda enfrenta muitos obstáculos.

A resolução CFB nº 220, de 13 de maio de 2020, atesta que somente o cumprimento da lei não é suficiente, visto que é necessário criar um espaço para as bibliotecas e ter uma atenção maior para a construção do seu acervo, pois com o avanço das tecnologias os serviços da biblioteca vão além do processo ensino/aprendizagem.

A Lei nº 14.837 de 08 de abril de 2024, que alterou a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010 diz que:

Art. 1º A Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, passa a vigorar com as seguintes alterações:

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar o equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo, cujos objetivos são:

I - disponibilizar e democratizar a informação ao conhecimento e às novas tecnologias, em seus diversos suportes;

II - promover as habilidades, as competências e as atitudes que contribuam para a garantia dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e alunas, em especial no campo da leitura e da escrita;

III - constituir-se como espaço de recursos educativos indissociavelmente integrado ao processo de ensino-aprendizagem;

IV - apresentar-se como espaço de estudo, de encontro e de lazer, destinado a servir de suporte para a comunidade em suas necessidades e anseios.

A **Lei nº 14.837/2024** marca um avanço importante na política educacional brasileira ao atualizar o papel da biblioteca escolar. Ao fazer isso, ela não apenas impõe novos deveres às instituições de ensino, mas também reconhece o potencial transformador desses espaços no desenvolvimento integral dos alunos e no fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade.

De acordo com o Manifesto da Biblioteca Escolar IFLA–UNESCO (2025), a missão da biblioteca escolar é contribuir para a melhoria e o fortalecimento do ensino e da aprendizagem, promovendo o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos alunos e favorecendo a formação para a cidadania global. O documento destaca que a biblioteca deve criar espaços de aprendizagem acessíveis, acolhedores e inclusivos, capazes de atender à diversidade de sujeitos presentes na escola.

Nesse sentido, a IFLA defende o acesso equitativo aos recursos, serviços e oportunidades de aprendizagem, independentemente de idade, raça, gênero, religião, orientação ou identidade sexual, deficiência, nacionalidade, língua ou condição social, econômica e cultural. Essa diretriz reforça o compromisso da biblioteca escolar com a eliminação de barreiras físicas, informacionais, comunicacionais e atitudinais.

Além disso, o Manifesto explicita que o programa de biblioteca escolar apoia diretamente o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) nº 4, da Agenda 2030 da ONU, que prevê “assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. Ao alinhar-se a esse objetivo, a biblioteca escolar assume um papel ativo na promoção da equidade educacional e da justiça social.

Diante desse cenário, não basta reconhecer a biblioteca escolar como espaço estratégico para a inclusão e a aprendizagem; é fundamental compreender quem efetiva essas

diretrizes no cotidiano da escola. As mudanças propostas pela Lei nº 14.837/2024 e pelo Manifesto da Biblioteca Escolar IFLA–UNESCO (2025) exigem uma revisão do papel do bibliotecário, e da biblioteca escolar que deixam de atuar apenas como responsáveis pela guarda e organização do acervo para assumir uma função pedagógica, mediadora e ativa no processo de ensino-aprendizagem.

É a partir dessa perspectiva que se inicia a próxima seção, que discute a transformação do papel do bibliotecário, analisando o deslocamento de uma atuação tradicional, centrada no controle do acervo, para uma prática voltada à facilitação da aprendizagem, à mediação da informação e à promoção de uma biblioteca escolar mais dinâmica, inclusiva e integrada ao projeto pedagógico da escola.

3.1.1. Transformação do papel do bibliotecário de guardião do acervo ao facilitador da aprendizagem

Com a evolução das bibliotecas ao longo da história, o papel do bibliotecário também foi sendo ressignificado em resposta às transformações sociais e às novas necessidades informacionais. É a partir dessa perspectiva que se inicia essa seção, dedicada à análise da transformação do papel do bibliotecário, que deixa de atuar exclusivamente no controle e na guarda do acervo para assumir uma prática voltada à facilitação da aprendizagem, à mediação da informação e à consolidação de uma biblioteca escolar mais dinâmica, inclusiva e integrada ao projeto pedagógico da escola.

Segundo Santos (2012, p.185), “o bibliotecário surgiu de fato como o organizador da informação e [...] no Renascimento consolidou seu papel como disseminador do conhecimento”. Com a explosão bibliográfica após a invenção da imprensa de Gutenberg no século XV, o bibliotecário assumiu um papel mais técnico, focado no controle, catalogação e classificação de materiais. Segundo Carmo (2012), o papel do bibliotecário na sociedade contemporânea é o de intermediar a informação, independentemente do suporte, até o usuário. Isso significa que ele atua como profissional responsável pelo tratamento, organização e disponibilização da informação, garantindo que ele seja acessível a qualquer pessoa que dela necessite. Desse modo, o bibliotecário torna-se o eixo central do processo de mediação, articulando necessidades informacionais, recursos disponíveis e práticas de uso.

O bibliotecário foi inserido em outros espaços de trabalho, com novos afazeres, e com isso, novos desafios. Sendo assim, suas habilidades e práticas de gerenciar a informação têm destaque nos ambientes, incluindo a capacidade de acessar as informações e repassá-las a quem for necessário de forma eficiente. (Silva,2022 p.36)

Ao reconhecer essa função ampliada, percebe-se que a atuação do bibliotecário ultrapassa a gestão técnica do acervo e envolve competências pedagógicas, tecnológicas e comunicacionais. A IFLA (2016) destaca que a competência em informação constitui uma área de investigação científica e de práticas que utiliza as fontes de informação como recursos essenciais para a construção de conhecimento e para dar sentido às necessidades informacionais dos indivíduos. Essa abordagem evidencia que o bibliotecário não apenas organiza informação, mas contribui ativamente para formar sujeitos críticos, autônomos e capazes de navegar de maneira ética e eficaz no ambiente informacional contemporâneo.

O bibliotecário escolar é o profissional qualificado, encarregado pelo planejamento e pela gestão da Biblioteca Escolar que trabalha em conjunto com os membros da comunidade escolar (IFLA/UNESCO, 2005). Entretanto, por muito tempo, essa função foi exercida por profissionais sem a formação específica, como professores ou coordenadores, o que comprometeu a qualidade dos serviços oferecidos. Além disso, cabe destacar que, no contexto das bibliotecas universitárias, a Resolução **CFB nº 246/2021** estabelece parâmetros para sua estruturação e funcionamento, determinando que a administração deve ser realizada por bibliotecário em situação regular junto ao Conselho Regional de Biblioteconomia, cuja presença é obrigatória durante o horário de funcionamento presencial. Essa normativa reforça o papel fiscalizador dos Conselhos de classe e assegura que apenas profissionais habilitados exerçam as atividades técnicas e gerenciais das bibliotecas, garantindo a qualidade e a ética dos serviços prestados (Conselho Federal de Biblioteconomia, 2021).

Segundo Campello (2009), o termo *letramento informacional* (*information literacy*) foi utilizado pela primeira vez na década de 1970 para caracterizar as competências necessárias ao uso das fontes eletrônicas de informação que passaram a ser produzidas nos Estados Unidos naquele período. Ao longo do tempo, esse conceito foi ampliado, dando origem à noção de competência em informação, que envolve não apenas o acesso às fontes informacionais, mas também a capacidade de localizar, avaliar, selecionar, utilizar e produzir informações de maneira crítica, ética e responsável.

O bibliotecário, como mediador da leitura e da informação, desempenha a função de estimular os estudantes a conhecer, explorar, pesquisar e utilizar diferentes suportes tecnológicos, promovendo a interação crítica com o ambiente digital. Nesse contexto, cabe a

esse profissional orientar os alunos em suas pesquisas no âmbito digital, guiando-os no uso de bases de dados, repositórios e demais fontes de informação confiáveis, de modo seguro, ético e consciente. Assim, o bibliotecário contribui para o desenvolvimento da competência informacional, favorecendo o uso qualificado da informação e o domínio das práticas de pesquisa no ambiente digital.

Nesse cenário, torna-se especialmente relevante considerar o perfil dos chamados nativos digitais, conforme discute Paiva (2018), uma vez que, apesar da familiaridade com os ambientes digitais, esses sujeitos nem sempre dominam estratégias de busca, avaliação e uso qualificado da informação. Assim, o desenvolvimento da competência em informação mostra-se fundamental para que esses estudantes possam atuar de forma crítica, reflexiva e consciente no ambiente informacional contemporâneo.

A atuação deste profissional, portanto, deve ir além da orientação na leitura: ele deve apoiar o estudante em todas as etapas de sua aprendizagem. Esse papel demanda um bibliotecário escolar qualificado, que vá além da gestão técnica do acervo. Ele precisa ser um mediador entre o estudante e o conhecimento, trabalhando de forma integrada com o projeto pedagógico da escola, promovendo ações que despertem o interesse pela leitura, a pesquisa e o desenvolvimento crítico.

Almeida Júnior (2015) propõe que a mediação da informação seja compreendida em duas dimensões: a mediação intrínseca e a mediação extrínseca da informação. A primeira refere-se aos processos técnicos e organizacionais que possibilitam o acesso à informação, enquanto a segunda está relacionada às ações diretas de interação com os usuários. Nesse contexto, o bibliotecário assume o papel de mediador entre o estudante e o conhecimento, atuando de forma integrada ao projeto pedagógico da escola e promovendo ações que estimulem o interesse pela leitura, pela pesquisa e pelo desenvolvimento do pensamento crítico.

Um ambiente regido por regras rígidas, que não estimula o senso de pertencimento, pode afastar os alunos. O bibliotecário terá como missão gerir esse ambiente com diálogo, pois assim, o estudante se sentirá acolhido e ouvido. Lanzi, Vidotti e Ferneda (2013, p. 74) consideram o bibliotecário o grande responsável pelas ações da biblioteca.

O bibliotecário é o principal responsável pela mobilização da biblioteca escolar. Cabe a ele promover a divulgação dos recursos disponíveis nela, facilitando o acesso contínuo ao acervo pelos usuários, além de fomentar o gosto pela leitura e pela informação, seja textual ou eletrônica (Lanzi; Vidotti; Ferneda, 2013, p. 74).

Para a UNESCO (2000) “os bibliotecários escolares devem tornar-se competentes no planejamento e na instrução das diferentes habilidades para o manuseio de novas ferramentas

de informação, tanto a professores como a estudantes. Portanto, devem obter contínuo treinamento e desenvolvimento profissional.". Assim, o bibliotecário escolar assume uma função essencial no processo educativo, atuando como mediador e facilitador da aprendizagem. Ao desempenhar esse papel, transforma a biblioteca escolar em um ambiente de aprendizagem contínua, que favorece a troca de conhecimentos entre bibliotecário, alunos e professores, promovendo a construção coletiva do saber.

A biblioteca é para todas as pessoas, e é vivenciada por elas de maneiras tão diversas quanto seu público. Para muitos é um lugar de breve passagem e de espera. Para outros, um suporte em seus estudos e fruição de uma atividade cultural. E há aqueles que têm fortemente nesse espaço um lugar para construção de si para além do sentido formal e acadêmico. (Silva; Lucas; Vieira, 2022 p. 35)

Segundo Sala e Castro Filho (2020), o processo de mediação que envolve toda ambiência informacional no contexto da biblioteca escolar é a base determinante do fazer bibliotecário.

É essencial que o profissional estimule a criatividade e a responsabilidade nas ações dos usuários, estando disponível ao diálogo e atento aos interesses de cada um e devendo, ainda, buscar estabelecer parcerias com os professores, o que contribui para o ensino-aprendizagem dos educandos. (Sala; Castro Filho, 2020, p. 8).

Dessa forma, a biblioteca escolar consolida-se não apenas como um espaço de consulta, mas como um ambiente dinâmico de construção do conhecimento, capaz de articular práticas educativas, recursos tecnológicos e acervos diversificados. Nesse contexto, o espaço torna-se propício ao desenvolvimento do pensamento crítico, permitindo que os estudantes expressem suas opiniões, questionem informações e construam aprendizagens significativas de maneira autônoma.

Dessa forma, ao compreender a mediação da informação como elemento central da atuação do bibliotecário escolar, a biblioteca deixa de ser apenas um espaço de acesso ao acervo e passa a se configurar como um ambiente pedagógico ativo, voltado à construção do conhecimento e ao desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Essa perspectiva evidencia que o potencial educativo da biblioteca está diretamente relacionado às práticas que favorecem o diálogo, a participação e a reflexão crítica. Assim, torna-se necessário aprofundar a compreensão da biblioteca escolar enquanto espaço de aprendizagem, analisando de que maneira ela contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, temática que será discutida na seção a seguir.

3.2 Biblioteca escolar como espaço de aprendizagem e desenvolvimento do pensamento crítico

É necessário que os estudantes tenham liberdade para expressar as suas opiniões e questões no ambiente da biblioteca escolar, para que eles possam desenvolver o senso crítico e a sensação de pertencimento, possibilitando que o bibliotecário assuma seu papel de mediador da informação e conhecimento.

Segundo a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 a educação “[...] inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” entretanto, vemos que a educação não possui um papel tão simplório, visto que é algo que nos movimenta e movimenta a sociedade ao nosso redor. Portanto, é crucial possuir um anseio pelo desenvolvimento em múltiplas formas.

A biblioteca escolar é um espaço de aprendizagem físico e digital na escola onde a leitura, pesquisa, investigação, pensamento, imaginação e criatividade são fundamentais para o percurso dos alunos da informação ao conhecimento e para o seu crescimento pessoal, social e cultural (IFLA, 2016). O seu papel dentro da escola é de um centro de ensino e aprendizagem que fornece um programa educativo integrado nos conteúdos curriculares. Ademais, a biblioteca escolar pode ser compreendida também como um espaço de lazer e convivência para os estudantes, no qual podem ser desenvolvidas ações como mediações de leitura, clubes do livro, oficinas de escrita e de desenho. Essas atividades possibilitam não apenas momentos de leitura, mas também de pesquisa, de interação entre os frequentadores e de participação ativa no ambiente escolar, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da autonomia de crianças e jovens.

O bibliotecário como mediador tem a função de estimular os estudantes a conhecerem, ensinarem, pesquisarem e utilizarem os suportes tecnológicos, interagindo com o ambiente digital com segurança e domínio. O bibliotecário escolar em especial desenvolve ações voltadas para a orientação nas leituras prazerosas e na pesquisa escolar. (Bedin, p. 45, 2017)

Terso e Sienna (2021), afirmam que “entender o que são fontes de informação confiáveis e aprender a fazer curadoria da informação são algumas das formas de promover o acesso, a análise, a criação e a participação crítica na escola”. Nesse sentido, é fundamental que a biblioteca escolar seja acessível, acolhedora e instigante. A organização do acervo e a criação de atividades devem dialogar com os interesses dos alunos. A inclusão de jogos educativos,

gibis, mangás, mediações de leitura e rodas de conversa são estratégias eficazes para tornar o espaço atrativo e significativo, além de promover o desenvolvimento sociocultural.

De acordo com Campello (2012, p. 7) “boas bibliotecas propiciam uma aprendizagem peculiar, diferente daquela em que o aluno é um recipiente passivo de informações passadas pelo professor”. Ou seja, uma biblioteca que estimule o pensamento crítico e a absorção de conhecimento através de materiais "não convencionais", e que ofereça distintas ferramentas informações confiáveis, abre um leque de possibilidades para que essa aprendizagem interativa possa acontecer e ajudar o estudante venha a desenvolver maior interesse nos conteúdos e construir um método de estudo que atenda às suas necessidades. Quando a biblioteca escolar desenvolve ações em consonância com os objetivos delineados pela escola, ela se constitui em um espaço de aprendizagem por excelência. (Sala; Castro Filho, 2020, p. 5).

Portanto, a biblioteca escolar se consolida como um espaço dinâmico e essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, indo além do simples acesso a livros e materiais didáticos. Ela representa um ambiente de descoberta, reflexão e construção coletiva do conhecimento, onde o diálogo, a autonomia e o pensamento crítico são constantemente estimulados. Ao promover práticas pedagógicas como a mediação de leitura, o incentivo à pesquisa orientada, o uso de recursos informacionais diversificados e a realização de atividades colaborativas, a biblioteca fortalece o papel da escola como espaço formador de cidadãos críticos, criativos e participativos. Assim, mais do que um local de estudo, a biblioteca escolar se torna um verdadeiro laboratório de aprendizagem, capaz de transformar informações em conhecimento e conhecimento em cidadania ativa.

Diante dessa compreensão da biblioteca escolar como espaço de aprendizagem e mediação do conhecimento, torna-se necessário aprofundar a discussão sobre como essas práticas podem ser efetivamente desenvolvidas no cotidiano escolar. Nesse sentido, a incorporação de abordagens pedagógicas que valorizem o protagonismo dos estudantes, como a aprendizagem por projetos e as metodologias ativas, apresenta-se como um caminho para potencializar o papel educativo da biblioteca escolar, favorecendo a participação ativa, o engajamento e a inclusão de todos os alunos, respeitando diferentes ritmos, formas de aprendizagem e modos de expressão.

3.3 Práticas de aprendizagem na biblioteca escolar: abordagens de aprendizagem por projetos e metodologias ativas

Segundo Oliveira (2019), a escola ainda se fundamenta no modelo tradicional de transmissão de informações, no qual o professor ocupa o centro do conhecimento. O autor ressalta que aprendizagem e ensino não são conceitos equivalentes: a aprendizagem refere-se ao processo de assimilação do conteúdo pelos alunos, enquanto o ensino envolve o ato de transmitir esse conteúdo. Para Ausubel (2003), os alunos já possuem conhecimentos prévios que devem ser considerados no processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, a adoção de metodologias ativas de aprendizagem possibilita um maior protagonismo do aluno nesse processo.

De acordo com Kuhlthau (1999), a educação em uma sociedade democrática deve capacitar o aluno em três pilares essenciais: o mercado de trabalho, a cidadania e o mundo. Nesse sentido, Kuhlthau (2004) ressalta o papel fundamental de professores e bibliotecários, que, ao identificarem os momentos críticos no processo de aprendizagem, podem intervir para apoiar os estudantes na organização de ideias, no registro de informações e na construção consciente do conhecimento.

Fialho (2013) observa que o modelo ISP (Information Search Process), proposto por Kuhlthau, baseia-se na perspectiva construtivista, segundo a qual o aprendizado é um processo dinâmico e participativo, no qual o indivíduo atua como agente ativo na construção de seu conhecimento. Nesse cenário, o ambiente de aprendizagem construtivista promove a atribuição de significado à informação, vinculando-a às experiências e aos conhecimentos prévios do aprendiz.

Segundo Amorim Antunes e Sirihal Duarte (2016), os estudos de Kuhlthau evidenciam que, ao longo das etapas do modelo ISP, é possível identificar estratégias colaborativas aplicáveis por professores e bibliotecários. A colaboração, nesse contexto, é essencial: como o processo de investigação ocorre em um ambiente social, ela permite que os alunos explorem novas ideias, considerem diferentes perspectivas e ampliem sua compreensão ao longo das fases do processo investigativo.

O trabalho colaborativo favorece a construção de um ambiente diferenciado, pois adota práticas educativas capazes de estimular a aprendizagem, a criatividade e a consciência crítica, já que apresenta aos sujeitos envolvidos um contexto propício para a investigação e para a solução de problemas, fatores esses que contribuem para a formação cultural do indivíduo, constituindo-se um ambiente democrático, local de comunicação, de busca e de respostas de questionamentos; (Sala; Castro Filho, 2020, p. 14)

Para Pereira et al. (2021), o distanciamento entre a biblioteca e a comunidade escolar dificulta a integração e o desenvolvimento das funções educativas no ambiente da biblioteca escolar. Os autores ressaltam que a colaboração entre o bibliotecário e o professor influencia

positivamente o desempenho no processo de ensino-aprendizagem na biblioteca escolar, contribuindo para preparar os alunos para situações além da vivência acadêmica.

Assim, deve-se considerar que o trabalho colaborativo entre professor e bibliotecário é uma relação necessária ao ambiente educacional, capaz de contribuir com a formação cultural dos indivíduos, uma vez que propicia a concepção de saberes que serão utilizados pelos alunos de maneira racional em decisões que virão a ser tomadas por eles ao longo da vida. (Sala; Castro Filho, 2020, p. 15)

Oliveira (2019) reforça que a escola é responsável pela construção dos conhecimentos científicos, sociais e culturais. As metodologias ativas configuram-se como abordagens pedagógicas que colocam o estudante no centro do processo de aprendizagem, estimulando sua participação ativa, a autonomia e a reflexão crítica. Nesse sentido, a adoção de metodologias ativas e participativas, como a aprendizagem por projetos, gamificação, oficinas criativas e produção de conteúdos com foco no caráter interdisciplinar, contribui para fortalecer esse papel, pois promove uma aprendizagem mais significativa e integrada.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) incorpora as exigências dos multiletramentos e da cultura digital como elementos centrais para a formação integral do estudante na sociedade contemporânea. Ao enfatizar o desenvolvimento de competências relacionadas ao uso crítico e criativo das tecnologias e das diferentes linguagens, a BNCC justifica, que a ação dessas metodologias permitem que os alunos assumam um papel mais ativo no processo educacional, exercendo protagonismo na construção do próprio conhecimento, desenvolvendo competências críticas, criativas e colaborativas, essenciais para a formação integral.

A biblioteca escolar pode ser plenamente integrada às diferentes disciplinas, funcionando como um espaço interdisciplinar que potencializa o aprendizado contextualizado. Por meio de projetos de pesquisa, leituras orientadas pelo bibliotecário e atividades de mediação da informação, os estudantes têm a oportunidade de aprofundar os conteúdos trabalhados em sala de aula, relacionando-os a situações concretas e experiências prévias.

Esse ambiente favorece a aplicação prática das teorias de aprendizagem: conforme Ausubel (2003), os alunos constroem conhecimento a partir de seus saberes prévios; Oliveira (2019) enfatiza a importância do protagonismo estudantil no processo de aprendizagem; e Kuhlthau (1999; 2004) demonstra que professores e bibliotecários, ao acompanharem os momentos críticos da aprendizagem, podem intervir de forma estratégica, organizando ideias, mediando informações e promovendo a construção consciente do conhecimento. Dessa maneira, a biblioteca escolar deixa de ser apenas um espaço de consulta e se transforma em um ambiente ativo de aprendizagem, onde a colaboração, a interdisciplinaridade e a autonomia dos

alunos são incentivadas, consolidando práticas educativas que promovem desenvolvimento intelectual, cultural e social.

Ao proporcionar liberdade de expressão, acesso equitativo à informação e oportunidades de diálogo e reflexão, a biblioteca contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e para a construção de uma cidadania consciente. O bibliotecário, como mediador entre o aluno e o conhecimento, desempenha papel essencial nesse processo, estimulando a curiosidade, a autonomia intelectual e o uso ético das informações.

Assim, a biblioteca escolar transcende sua função de apoio didático, afirmando-se como espaço de formação humana, cultural e social, comprometido com a transformação e o empoderamento dos sujeitos que dela participam, ampliando sua função social e educativa, tornando-se também um espaço de inclusão e equidade. Nesse contexto, compreender a biblioteca escolar como um espaço inclusivo é essencial para garantir que todos os estudantes, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais ou sociais tenham acesso pleno às oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

4 A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO INCLUSIVO: QUEBRANDO BARREIRAS, ABRINDO PORTAS

A Declaração de Salamanca reforça o compromisso com a educação inclusiva ao defender que as escolas regulares devem acolher todos os estudantes, independentemente de suas diferenças ou necessidades educacionais (UNESCO, 1994). No âmbito nacional, os artigos 205 e 206 da Constituição Federal de 1988 afirmam a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, garantindo a igualdade de condições para o acesso e a permanência na escola. O Decreto nº 12.773/2025 institui a Política Nacional de Educação Especial Inclusiva, reafirmando a educação inclusiva como eixo estruturante do sistema educacional brasileiro, destacando a necessidade de que todos os espaços escolares, inclusive a biblioteca, sejam organizados de forma a assegurar o acesso, a participação e a aprendizagem dos estudantes público-alvo da Educação Especial. De forma complementar, a Declaração Mundial de Educação para Todos acrescenta que o enriquecimento dos valores culturais e morais comuns, são os responsáveis pela construção da identidade e sua dignidade (UNESCO, 1990).

Diante desse cenário legal e social, a biblioteca escolar assume papel fundamental na efetivação da inclusão, atuando como um espaço de aprendizado e convivência acessível a todos. Nesse contexto, o bibliotecário escolar deve estar ciente dos métodos, recursos e serviços adequados para atender às diferentes necessidades de seus usuários, pois enquanto mediador da informação e da leitura, o bibliotecário escolar deve atuar ampliando atividades desenvolvidas nos ambientes físicos e digitais das bibliotecas, facilitando o acesso e o uso da informação (SANTOS, 2024).

É importante que o bibliotecário reflita sobre os desafios apresentados à enfrentar: a necessidade de construir uma sociedade inclusiva, que priorize a justiça, a equidade e o acesso e uso democrático da informação, com responsabilidade social. (SOUZA; COSTA; TABOSA; ARARIPE, 2013. p 10)

Isso envolve desde o uso de tecnologias assistivas e softwares de leitura de tela, até a disponibilização de materiais em braille para alunos com deficiência visual, o aprendizado de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a mediação com alunos surdos e a criação de um ambiente acolhedor e estruturado para estudantes neurodivergentes. A atenção do bibliotecário deve estar voltada para garantir que o atendimento e os espaços da biblioteca sejam efetivamente inclusivos, considerando as possibilidades e os recursos disponíveis.

Mais do que cumprir exigências legais ou normativas, promover a acessibilidade na biblioteca escolar é afirmar o compromisso ético com uma educação equitativa e humanizadora.

A inclusão, nesse sentido, torna-se uma prática transformadora, que reconhece a diversidade como valor e reafirma a biblioteca como espaço de pertencimento, aprendizado e cidadania. A aprendizagem não ocorre em situação de isolamento. (UNESCO,1990), ou seja, o bibliotecário não deve estar isolado no espaço da biblioteca, mas sim desenvolver práticas em consonância com a equipe pedagógica. (Costa; Chalhub, 2021)

A acessibilidade na biblioteca escolar deve ser compreendida de forma ampla, contemplando recursos multimodais que atendam às diferentes formas de aprendizagem. Entre esses recursos, destacam-se vídeos com legendas e Libras, audiolivros, livros digitais acessíveis, materiais táteis e exemplares em braille. A diversidade de formatos não beneficia apenas estudantes com deficiência, mas favorece todos os alunos, oferecendo múltiplas maneiras de acessar e compreender a informação, promovendo um aprendizado mais rico, inclusivo e participativo.

Além de garantir o acesso à informação, a biblioteca escolar desempenha papel importante no desenvolvimento de competências socioemocionais dos estudantes, como empatia, colaboração e capacidade de resolução de conflitos. Para isso, podem ser realizadas atividades como rodas de conversa, debates sobre diversidade, oficinas de mediação de conflitos e projetos de cidadania, promovendo a reflexão crítica, a participação ativa e o fortalecimento de valores éticos e sociais no ambiente escolar.

Dessa forma, a biblioteca escolar inclusiva configura-se como um ambiente de valorização das diferenças e de promoção da equidade, no qual todos os estudantes, independentemente de suas condições, encontram oportunidades reais de acesso ao conhecimento e à cultura.

Ao adotar práticas e recursos acessíveis, o bibliotecário fortalece a função social da biblioteca como espaço democrático, acolhedor e transformador, que contribui para a formação de sujeitos autônomos, críticos e conscientes de seus direitos. Assim, a inclusão deixa de ser apenas uma obrigação legal e assume o caráter de compromisso ético e pedagógico, conforme compreendida por Sánchez (1996), ao afirmar que se trata de uma atitude e de um sistema de valores voltados ao acolhimento e ao apoio às necessidades de todos os alunos, para que se sintam seguros, pertencentes e capazes de alcançar êxito no contexto escolar.

4.1 Acessibilidade e tecnologias assistivas na biblioteca escolar

A promoção da acessibilidade física e informacional é um dos pilares para a consolidação de uma biblioteca verdadeiramente inclusiva. De acordo com a NBR 9050:2020 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2020), os ambientes educacionais, incluindo as bibliotecas escolares, devem ser planejados e adaptados de modo a garantir a acessibilidade a todos os indivíduos, independentemente de suas limitações.

Nessa perspectiva, a organização do espaço físico é determinante. Os corredores entre as estantes devem permitir que pessoas com deficiência física que utilizam cadeira de rodas circulem com autonomia e segurança. Do mesmo modo, os livros das prateleiras mais baixas devem ser dispostos na posição horizontal, com a etiqueta de identificação voltada para cima, a fim de facilitar a consulta do material por usuários com mobilidade reduzida. Essas medidas, embora simples, representam passos fundamentais na eliminação de barreiras arquitetônicas que ainda limitam o uso pleno dos espaços informacionais.

Além da estrutura física, os recursos táteis e visuais também desempenham papel essencial na promoção da acessibilidade. O ambiente deve contar com piso tátil e, se possível, com um mapa em alto-relevo, de modo que pessoas com deficiência visual ou com baixa visão possam transitar de forma independente. Da mesma forma, o acervo deve incluir livros em braille e exemplares com fonte ampliada, assegurando que todos os usuários tenham acesso equitativo à leitura e à informação. Essas adaptações ampliam a autonomia do estudante e reforçam o compromisso da biblioteca escolar com a inclusão efetiva.

Complementando as adaptações físicas, as tecnologias assistivas ampliam as possibilidades de participação e aprendizagem. Segundo Santos e Carvalho (2019), tais tecnologias compreendem serviços, produtos ou ferramentas tecnológicas desenvolvidas para facilitar atividades cotidianas e proporcionar maior autonomia a pessoas com limitações físicas ou sensoriais. Entre os recursos que podem ser incorporados ao ambiente escolar, destacam-se os softwares leitores de tela, os ampliadores de caracteres, os audiolivros e os dispositivos móveis com recursos de acessibilidade nativos, que garantem o acesso equitativo à leitura digital e à informação.

Para que o uso desses recursos seja efetivo, é imprescindível que o bibliotecário escolar atue como mediador tecnológico e inclusivo, mantendo-se em constante atualização e buscando compreender as funcionalidades das tecnologias assistivas para orientar adequadamente seus usuários. O uso de tecnologias assistivas na biblioteca deve estar articulado às práticas pedagógicas, garantindo que o acesso à informação seja efetivamente aproveitado em atividades escolares e projetos de aprendizagem. Entretanto, como destacam Costa e Chalhub (2021), a falta de investimentos nas bibliotecas escolares pode representar um fator limitante para o

desenvolvimento de suas atividades. Diante dessa realidade, o profissional pode recorrer a alternativas viáveis, como softwares gratuitos, livros digitais acessíveis e plataformas online de capacitação inclusiva, garantindo a continuidade das ações mesmo em contextos de escassez de recursos.

Dessa forma, a acessibilidade e o uso de tecnologias assistivas não apenas removem barreiras físicas e informacionais, mas também reafirmam o papel social da biblioteca escolar como espaço de democratização do conhecimento e promoção da inclusão educacional, elas contribuem para a promoção da autonomia e do protagonismo dos estudantes, permitindo que cada aluno explore os recursos de acordo com suas necessidades e ritmos de aprendizagem. Mais do que adaptar o ambiente, trata-se de consolidar uma cultura de equidade, na qual cada estudante, independentemente de suas condições, possa exercer plenamente o direito à informação e à aprendizagem significativa. Ao possibilitar leituras, pesquisas e produções de forma independente, a biblioteca fortalece a capacidade crítica, a tomada de decisões e a participação ativa no processo educativo, consolidando-se como um espaço inclusivo e estimulador do aprendizado.

4.2 Bibliotecas Escolares: Atendimento e Acessibilidade

Para Curvo (2021), a biblioteca escolar, entendida como uma práxis educativa, atua de forma complementar às atividades desenvolvidas em sala de aula, servindo como base informacional para professores, estudantes e toda a comunidade escolar. Além disso, deve, em conjunto com o corpo docente, promover ações culturais que estimulem o desenvolvimento do senso crítico e da cidadania no ambiente escolar, ampliando as experiências formativas dos alunos.

Nessa perspectiva, a função social da biblioteca vai muito além das atividades tradicionais. Como afirma Oliveira (2022, p. 41):

Mas a biblioteca não se resume apenas às funções de pesquisa documental, empréstimo de livros, ocupação de tempos livres, animação ou difusão de trabalhos. Através de diferentes formas de estimulação de hábitos de leitura, a biblioteca está a desempenhar uma função de promoção da cultura e da inclusão social das pessoas com limitações funcionais (Oliveira, 2022, p. 41)

Dessa forma, a promoção da leitura acessível e adaptada torna-se uma ação essencial. Ao ofertar diferentes formatos e recursos, a biblioteca escolar contribui diretamente para a construção da cidadania e para o combate à exclusão informacional. Assim, deixa de ser apenas

um espaço de prestação de serviços e passa a configurar-se como um agente ativo de inclusão, garantindo que todos os alunos, inclusive aqueles com limitações funcionais, tenham acesso à cultura, à informação e à aprendizagem significativa.

Além da acessibilidade física, é indispensável assegurar a acessibilidade comunicacional e informacional, garantindo que os conteúdos estejam disponíveis em múltiplos formatos — como braille, audiolivros, vídeos com Libras e legendas, e materiais digitais compatíveis com leitores de tela. Essa ampliação de suportes informacionais permite que cada usuário acesse o conhecimento conforme suas necessidades, promovendo o direito à informação de maneira equitativa e participativa (BRASIL, 2015; IFLA, 2015).

Nessa mesma linha de pensamento, Sampaio e Farias (2020) destacam que, sendo a biblioteca um meio de acesso ao conhecimento ainda na infância, é fundamental oportunizar a cada usuário um serviço informacional de qualidade, capaz de atender às suas especificidades e ritmos de aprendizagem. Souza, Costa, Tabosa e Araripe (2013), bibliotecário é de fundamental importância para a efetivação e sucesso na inclusão informacional das pessoas com deficiência.

Para que isso se concretize, o papel do bibliotecário escolar torna-se central. Cabe a ele garantir que os alunos com deficiência tenham acesso equitativo às fontes de informação, da mesma forma que os demais estudantes, sem sofrerem prejuízos. Para tanto, é necessário adaptar o atendimento de acordo com as necessidades individuais, o que requer sensibilidade e preparo técnico. O bibliotecário escolar enquanto educador tem a grande missão de incluir esses alunos nas atividades desenvolvidas pela biblioteca. (Sampaio; Farias, 2020). É igualmente fundamental a parceria com a coordenação escolar, a fim de obter um panorama sobre o número de alunos com deficiência e suas particularidades, possibilitando ajustes adequados no atendimento, no acervo e na estrutura física da biblioteca.

O planejamento deste atendimento deve basear-se em dados concretos sobre o perfil dos usuários. Alves (2017, p. 1888-1889) destaca que:

Para o atendimento inclusivo é necessário considerar: a) os dados pessoais do usuário, incluindo sua deficiência; b) o perfil informacional, enfatizando escolaridade, idiomas e interesses informacionais; c) a frequência à biblioteca; e d) as dificuldades encontradas no acesso à informação e ao espaço da biblioteca. Para coletar essas informações, podem ser utilizados questionários e entrevistas, de modo a compreender as particularidades de cada deficiência. (Alves, 2017, p. 1888-1889).

Com base nesse entendimento, Alves (2017) enfatiza que o atendimento inclusivo em bibliotecas escolares deve ser planejado de modo a contemplar as necessidades específicas de cada usuário, permitindo que a instituição compreenda as singularidades de cada indivíduo e desenvolva estratégias adequadas de mediação da informação. Identificar as dificuldades

encontradas no acesso ao acervo e ao espaço físico possibilita implementar soluções práticas que eliminem barreiras, tornando o ambiente mais inclusivo e participativo.

Além disso, o autor ressalta a importância do uso de instrumentos de coleta de dados, como questionários e entrevistas, que permitem conhecer de forma mais profunda as necessidades dos usuários. Assim, a biblioteca escolar deixa de oferecer um atendimento genérico e passa a se configurar como um espaço personalizado e inclusivo, no qual todos os estudantes podem exercer sua autonomia e usufruir plenamente dos recursos informacionais disponíveis.

O bibliotecário escolar precisa estar continuamente capacitado para lidar com a diversidade de usuários, abrangendo desde o uso de tecnologias assistivas até estratégias pedagógicas que promovam a inclusão efetiva. Entre os conhecimentos essenciais estão a Língua Brasileira de Sinais (Libras), noções de inclusão e neurodiversidade, bem como a familiaridade com softwares e recursos tecnológicos que favoreçam o acesso à informação de maneira equitativa.

As barreiras atitudinais correspondem a comportamentos ou atitudes que dificultam a participação social de pessoas com deficiência em igualdade de condições e oportunidades (BRASIL, 2015). Na escola, tais barreiras podem se manifestar por preconceitos, desinformação ou falta de sensibilização de professores, alunos e demais profissionais da comunidade escolar. Nesse contexto, a biblioteca escolar assume papel estratégico não apenas no acesso à informação, mas também na promoção de uma cultura de respeito à diversidade e valorização da pluralidade cultural.

É igualmente importante a realização de treinamentos sobre barreiras atitudinais e preconceitos implícitos, a fim de promover atitudes inclusivas no ambiente da biblioteca. Entre as estratégias práticas aplicáveis, destacam-se a adaptação da hora do conto para diferentes formatos como: audiolivros, leitura tátil ou interpretação em Libras, e o mapeamento do acervo, com o objetivo de identificar lacunas em materiais acessíveis, garantindo que todos os estudantes possam usufruir plenamente dos recursos informacionais disponíveis.

A biblioteca escolar desempenha um papel fundamental na promoção da inclusão e do protagonismo dos alunos por meio de práticas educativas diversificadas. Oficinas e rodas de

conversas sobre diversidade, direitos humanos e temas sociais e históricos relevantes estimulam a reflexão e o debate crítico entre os estudantes. Projetos colaborativos interdisciplinares, envolvendo áreas como História, Artes e Linguagens, incentivam a pesquisa, a produção de materiais culturais e a construção coletiva do conhecimento. Além disso, a mediação de leituras e de recursos inclusivos, incluindo livros, artigos e materiais multimídia, garante acesso equitativo à informação e fortalece a compreensão de temas relacionados à cidadania, à diversidade e à inclusão.

Tais ações podem incluir, por exemplo, atividades em torno do Dia dos Povos Indígenas (19 de abril), abordando a importância do reconhecimento e respeito às culturas originárias, e do Dia da Consciência Negra (20 de novembro), promovendo debates e práticas educativas sobre a valorização da identidade afro-brasileira e o enfrentamento ao racismo. A biblioteca também pode oferecer oficinas introdutórias de Libras para o corpo discente, possibilitando que os estudantes adquiram noções básicas de comunicação com colegas surdos, quando houver alunos nessa condição. Outras iniciativas incluem oficinas de escrita e criação de materiais acessíveis, estimulando a criatividade e a produção de recursos inclusivos, bem como projetos de cidadania e sustentabilidade, que favorecem a reflexão crítica, o engajamento social e a participação ativa dos estudantes em questões culturais, ambientais e comunitárias.

Essas iniciativas contribuem para construir uma escola mais empática, colaborativa e consciente das diferenças, reforçando o papel da biblioteca como mediadora do conhecimento e promotora de inclusão social. Ao estimular a reflexão crítica, a empatia e o respeito às diferenças, a biblioteca fortalece a formação de cidadãos conscientes, colaborativos e capazes de atuar em uma sociedade democrática. A integração com metodologias ativas e projetos interdisciplinares ainda permite que o aluno exerça protagonismo, desenvolvendo competências críticas, criativas e sociais essenciais para sua formação integral.

Portanto, a acessibilidade atitudinal na biblioteca escolar não se limita à eliminação de preconceitos, mas se amplia para a criação de práticas educativas que garantam igualdade de oportunidades, valorizem a diversidade e promovam a participação plena de todos os estudantes. Como ressalta Oliveira (2022, p. 41):

Dar o mesmo a todos no espaço da biblioteca da escola, não é respeitar a individualidade ou responder às necessidades educativas de cada aluno, é antes, promover a infoexclusão [...]. (Oliveira, 2022, p. 41).

Essa reflexão evidencia um equívoco recorrente nas políticas de igualdade: oferecer igualdade formal sem considerar as desigualdades reais de acesso e participação. Para alcançar a verdadeira inclusão, a biblioteca escolar deve adotar a lógica da equidade, personalizando

intervenções educativas e ajustando suas práticas de acordo com as demandas específicas de cada usuário. Dessa forma, torna-se possível garantir o acesso pleno às oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento, respeitando as particularidades individuais e promovendo o protagonismo educativo.

A biblioteca, assim, reafirma sua função social como espaço de diversidade, acolhimento e emancipação cidadã, comprometida com a formação integral e humanizadora de seus usuários. Sob essa perspectiva, sua atuação também se alinha aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, especialmente ao ODS 4: Educação de Qualidade e ao ODS 10: Redução das Desigualdades. O ODS 4 busca “assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”, enquanto o ODS 10 propõe “reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles”. Assim, ao adotar práticas de acessibilidade, inclusão e valorização da diversidade, a biblioteca escolar contribui diretamente para o cumprimento dessas metas globais, tornando-se um agente transformador no contexto educacional.

Cada ação desenvolvida, seja a adaptação física e informacional do espaço, o uso de tecnologias assistivas ou a promoção de eventos culturais e formativos, representa um passo em direção à construção de uma escola mais justa, igualitária e comprometida com a educação como direito humano universal. A biblioteca escolar, portanto, transcende o papel de espaço de leitura e se consolida como um núcleo estratégico de promoção da cidadania, da equidade e da sustentabilidade social.

Nesse sentido, o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) apresenta-se como uma abordagem que orienta a mediação da informação na biblioteca escolar, ao propor múltiplas formas de engajamento, representação e ação/expressão, favorecendo o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os alunos.

4.3 O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) na Mediação da Informação

Desenho Universal (DU), é uma terminologia criada por Ronald Mace em conjunto com um grupo de arquitetos da Universidade Estadual da Carolina do Norte, nos Estados Unidos, na década de 1980. Essa abordagem estabelece princípios que orientam, até os dias atuais, o desenvolvimento de projetos voltados à acessibilidade. Motta (2019), descreve o Desenho Universal (DU), como o processo de criar produtos, ambientes e projetos que sejam acessíveis a todos, não se restringindo exclusivamente às pessoas com deficiências.

Mendes (2017), destaca que o movimento do Desenho Universal, teve influência em diferentes âmbitos, além da arquitetura. O Desenho Universal de Aprendizagem (DUA), é um exemplo significativo, desenvolvido na Universidade de Harvard por um grupo de pesquisadores e professores liderado por David Rose. Essa abordagem propõe práticas pedagógicas voltadas à adaptação do currículo para atender a toda a turma, e não apenas a um aluno específico. O Desenho Universal para a Aprendizagem trata as diferenças individuais como foco central da prática pedagógica. Quando analisados à luz desse referencial, os resultados educacionais tornam-se fundamentais para compreender e planejar um ensino mais eficaz, capaz de atender à diversidade de perfis, ritmos e formas de aprendizagem presentes no contexto escolar. (SEBASTIÁN-HEREDERO, 2020)

Sebastián-Heredero (2020), destaca que o DUA considera a variabilidade e a diversidade dos estudantes ao propor flexibilidade nos objetivos, métodos, materiais e formas de avaliação, possibilitando aos educadores atender às diferentes necessidades e potencialidades dos alunos. As Diretrizes do DUA estão organizadas de acordo com seus três princípios fundamentais:

- a) **Envolvimento ou Engajamento** (o porquê da aprendizagem): faz parte da rede afetiva é onde surge o interesse inicial, o DUA atua como uma ferramenta para **sustentar o esforço, a persistência e a autorregulação**, desafiando os estudantes utilizando seus próprios interesses, a fim de que o engajamento se mantenha de maneira contínua ao longo do processo de aprendizagem;
- b) **Representação** (o quê da aprendizagem): integra a rede de conhecimentos, apresenta as informações utilizando a percepção, linguagem e símbolos, e diferentes formatos de conteúdos;
- c) **Ação e Expressão** (o como da aprendizagem): parte da rede estratégica é a ação física, expressão e comunicação, e função executiva. É o planejamento e execução de tarefas.

A biblioteca escolar configura-se como um espaço estratégico para a aplicação dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, uma vez que é um ambiente de convivência e troca de experiências entre alunos de diferentes idades, professores e demais membros da comunidade escolar. Essa característica torna a biblioteca um espaço propício para o desenvolvimento de práticas pedagógicas flexíveis, capazes de atender à diversidade presente no contexto escolar.

Nesse sentido, o bibliotecário pode utilizar os princípios do DUA no planejamento e na mediação de atividades como a hora do conto e a pesquisa escolar, organizando ações que contemplem múltiplas formas de engajamento, representação e expressão. Diretrizes do DUA

não são uma receita; poderíamos dizer que são um conjunto de estratégias que podem ser usadas para superar as barreiras inerentes a maioria dos currículos existentes. (Sebastián-Heredero 2020).

O Desenho Universal para a Aprendizagem é um encontro de três palavras que, pelos seus princípios e diretrizes, são indissociáveis e interseccionam-se. Cada uma contribui e se constitui, na individualidade e na coletividade, para eliminar barreiras e dar o máximo de condições de aprendizagem para cada estudante. (OLIVEIRA,2022 p. 51-60)

O uso de diferentes recursos informacionais, como livros impressos, audiolivros, vídeos, imagens e materiais digitais, amplia as possibilidades de acesso e compreensão da informação. O audiolivro, por exemplo, não deve ser compreendido apenas como um recurso destinado a estudantes com deficiência visual, mas como uma estratégia de representação múltipla que também beneficia alunos com TDAH, dificuldades de leitura ou diferentes estilos de aprendizagem, favorecendo o engajamento e a aprendizagem de todos.

É essencial que as tecnologias assistivas disponíveis na instituição estejam integradas ao planejamento e à aplicação das ações pedagógicas em consonância com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem. Conforme destaca Sebastián-Heredero (2020), o simples uso de tecnologias em sala de aula não caracteriza, por si só, a implementação do DUA. Para que essa abordagem seja efetiva, as tecnologias devem ser utilizadas de forma intencional, articuladas a objetivos pedagógicos claros e voltadas à ampliação do acesso, da participação e da aprendizagem de todos os estudantes.

A integração entre professores e bibliotecários é essencial para o pleno funcionamento da biblioteca escolar, que não deve ser vista apenas como um anexo da escola. Nesse sentido, a aplicação dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) na biblioteca busca justamente promover um espaço inclusivo e acessível a todos os alunos, garantindo que recursos, atividades e estratégias pedagógicas atendam às diversas necessidades de aprendizagem.

O princípio do engajamento, quando considerado no planejamento de ações da biblioteca em articulação com o professor, permite que o bibliotecário compreenda melhor a bagagem cultural, social e intelectual dos alunos, uma vez que o docente mantém contato direto com eles. Essa colaboração possibilita que as atividades da biblioteca sejam mais contextualizadas, inclusivas e alinhadas às necessidades e interesses dos estudantes.

O princípio da representação será contemplado por meio da aquisição de materiais diversificados, de modo a atender às diferentes formas de percepção e compreensão dos alunos.

Assim, a biblioteca escolar oferece recursos que respeitam as variadas maneiras de aprender e acessar a informação, promovendo inclusão e equidade no processo educativo.

O princípio da ação e expressão será desenvolvido por meio de atividades que permitam aos alunos demonstrarem seu aprendizado de diferentes maneiras, como a produção de trabalhos escritos, apresentações orais, projetos multimídia e participação em debates ou oficinas. Dessa forma, a biblioteca escolar oferece múltiplas formas de expressão, incentivando a autonomia, a criatividade e o protagonismo dos estudantes no processo educativo.

Como discutido, a biblioteca escolar deve ser acessível a todos, pois é entendida como um espaço de discussão e construção de conhecimento, a seção a seguir apresenta a análise e discussão dos resultados da pesquisa.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas e das observações realizadas nas bibliotecas escolares **Madre Agathe Verhelle, do Colégio Santa Cecília**, e a do **Colégio Conexão Saber – Unidade Passaré**. Em consonância com a abordagem qualitativa e a natureza aplicada da pesquisa, os dados foram tratados por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), com leitura interpretativa e cruzada das informações. As categorias de análise foram organizadas a partir dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA): **engajamento, representação e ação/expressão**. Possibilitando compreender as práticas de mediação da informação, identificar barreiras e potencialidades e subsidiar a etapa propositiva do estudo, voltada ao fortalecimento da biblioteca escolar como espaço de aprendizagem ativa, inclusiva e mediadora.

Diante disso, o Quadro 2 apresenta as perguntas-base das entrevistas e sua relação com os objetivos específicos da pesquisa e com os parâmetros do DUA.

Quadro 2 – Roteiro de entrevistas: práticas de mediação da informação e princípios do DUA

Pergunta Baseada em Cenário / Prática	Objetivo Específico	Parâmetro do DUA
1. Planejamento Pedagógico: "Pense em um projeto ou atividade recente em que você colaborou com um professor. Como foi o processo de escolha dos materiais e da dinâmica? De que maneira vocês pensaram no engajamento dos alunos que costumam participar menos?"	(Papel mediador e metodologias ativas)	Engajamento (O "porquê" da aprendizagem)
2. Mediação de Leitura e Diversidade: "Imagine que você vai realizar uma mediação de leitura (ex: contação de histórias ou clube de leitura) e há na turma um estudante com deficiência (seja física, sensorial ou intelectual). Como você prepara esse momento para garantir que ele não seja apenas um espectador, mas um protagonista da atividade?"	(Estratégias de mediação de leitura e participação)	Ação e Expressão (O "como" da aprendizagem)
3. Acessibilidade na Prática: "Ao organizar o acervo ou selecionar novos recursos para a biblioteca, quais critérios você utiliza para garantir que a informação chegue a todos os alunos, independentemente de suas limitações sensoriais ou cognitivas? Você poderia dar um exemplo de um material que foi adaptado ou escolhido por esse motivo?"	(Acessibilidade informacional e Diagnóstico de barreiras)	Representação (O "quê" da aprendizagem)

<p>4. Barreiras e Metodologias Ativas: "Muitas vezes, os alunos encontram dificuldades para realizar pesquisas de forma autônoma. Quando você percebe que um estudante com deficiência está 'travado' em uma atividade de busca de informação, quais caminhos ou ferramentas você oferece para que ele supere essa barreira?"</p>	(Diagnóstico de barreiras e Papel mediador e metodologias ativas)	Engajamento e Ação/ Expressão
<p>5. Protagonismo e Expressão: "Em suas atividades, como os alunos costumam 'devolver' ou demonstrar o que aprenderam na biblioteca? Existe abertura para que eles se expressem de formas diferentes (desenho, áudio, uso de tecnologia, oralidade) além da escrita tradicional?"</p>	(Diagnóstico de barreiras e Papel mediador e metodologias ativas)	Ação e Expressão (Múltiplos meios de comunicação)
<p>6. Atitude e Inclusão: "Sabemos que a inclusão vai além do espaço físico. Você já vivenciou alguma situação em que precisou mediar uma interação entre alunos com e sem deficiência ou entre professores e alunos? Como foi essa experiência em termos de atitude e acolhimento no ambiente da biblioteca?"</p>	(Acessibilidade atitudinal)	Engajamento (Clima escolar e comunidade)
<p>7. Visão de Futuro (Diretrizes): "Se você tivesse recursos e autonomia total para redesenhar o serviço da biblioteca hoje, pensando na diversidade dos seus alunos, qual seria a primeira mudança prática que faria para tornar a mediação da informação mais ativa e inclusiva?"</p>	(Proposição de diretrizes)	Princípios Gerais do DUA

Fonte: Elaboração própria.

5.1 Planejamento pedagógico e engajamento dos alunos nas práticas da biblioteca escolar (Princípio do Engajamento)

A entrevista tem início com a pergunta sobre o “Planejamento Pedagógico”, fundamentada em Kuhlthau (2004) e em Amorim, Antunes e Sirihal Duarte (2016), com base no princípio de engajamento do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Seguindo a análise de conteúdo de Bardin (2011), buscando identificar indícios da integração da biblioteca no planejamento pedagógico da escola. Nesse sentido, o **Quadro 3** apresenta as respostas das bibliotecárias das instituições analisadas.

Quadro 3 – Planejamento pedagógico e colaboração entre biblioteca e professores

Pergunta	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
1. Planejamento Pedagógico: "Pense em um projeto ou atividade recente em que você colaborou com um professor. Como foi o processo de escolha dos materiais e da dinâmica? De que maneira vocês pensaram no engajamento dos alunos que costumam participar menos?"	[...] Os projetos são desenvolvidos ao longo de todo o ano letivo, sendo que cada série, a partir do segundo ano do Fundamental, possui um projeto fixo com duração anual, dividido em abertura, desenvolvimento e culminância. As atividades ocorrem tanto na biblioteca quanto em outros espaços da escola, e os materiais são escolhidos em parceria com os professores [...]	[...] o projeto Semana do Livro e da Biblioteca (2025), com foco na acessibilidade, no qual os alunos criaram um livro tátil. O planejamento ocorreu em parceria entre biblioteca e professores [...]

Fonte: Elaboração própria.

Nota: A entrevista completa encontra-se no Apêndice A

Moore (2007) destaca que os alunos apresentam diferentes tempos de aprendizagem e de assimilação dos conteúdos, ressaltando que alguns respondem de forma mais eficaz a jogos computacionais ou a sessões de prática que oferecem alta repetição em formatos multimodais. Nesse sentido, o planejamento das atividades em conjunto com os docentes mostra-se fundamental para a efetiva aplicação do princípio do engajamento, uma vez que possibilita a diversificação de estratégias e a consideração dos diferentes perfis de aprendizagem dos alunos. Com base nessa abordagem, este item analisa o planejamento pedagógico das atividades desenvolvidas na biblioteca escolar, com ênfase na articulação entre bibliotecários e professores e nas estratégias adotadas para promover o engajamento dos alunos.

Em ambas as bibliotecas, o planejamento das atividades ocorre em articulação direta com os professores, considerando previamente a necessidade de materiais específicos ou de acompanhamento diferenciado durante as ações. Antes de apresentar as práticas desenvolvidas, destaca-se que a relação com os docentes foi construída gradualmente pelas bibliotecárias, sendo que, na maioria das vezes, a demanda pela biblioteca parte dos próprios professores. Ambas ressaltam a importância dessa parceria para que a biblioteca escolar seja compreendida como um espaço ativo, integrado às práticas pedagógicas da instituição, e não apenas como um local de guarda de livros.

No que se refere à seleção dos materiais, ambas as bibliotecárias contam com o apoio dos docentes. Na Biblioteca do Colégio Conexão Saber, os recursos são escolhidos de acordo com a faixa etária e as necessidades dos alunos. Já na Biblioteca Madre Agathe Verhelle, a

definição envolve a escolha entre o uso do acervo físico ou da plataforma de leitura digital *Árvore de Livros*, com o apoio de tablets disponibilizados pela instituição.

O **Quadro 4** apresenta as respostas das profissionais entrevistadas sobre barreiras e metodologias ativas, contribuindo para a compreensão das práticas adotadas nas bibliotecas escolares.

Quadro 4 - Mediação da pesquisa escolar

Pergunta	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
<p>4. Barreiras e Metodologias Ativas: "Muitas vezes, os alunos encontram dificuldades para realizar pesquisas de forma autônoma. Quando você percebe que um estudante com deficiência está 'travado' em uma atividade de busca de informação, quais caminhos ou ferramentas você oferece para que ele supere essa barreira?"</p>	<p>[...] Em geral, o direcionamento parte do professor, seja para pesquisas digitais, nas quais os alunos localizam as informações de forma orientada, seja para pesquisas no acervo físico, quando o docente entra em contato com a biblioteca para verificar a disponibilidade de materiais sobre determinados temas.[...] Em atividades como a Mostra de Ciências, por exemplo, é realizado previamente o levantamento do acervo necessário para subsidiar o desenvolvimento dos trabalhos dos alunos.</p>	<p>As demandas de pesquisa costumam ser específicas por se tratar de crianças, sendo trabalhadas junto com o aluno, orientando-o a formular a pesquisa e encontrar as respostas.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Nota: A entrevista completa encontra-se no Apêndice A

Observa-se, contudo, uma distinção entre as instituições no que diz respeito ao acompanhamento dos alunos: na Biblioteca Madre Agathe Verhelle, a bibliotecária não consegue realizar um acompanhamento individualizado, enquanto, na Biblioteca do Colégio Conexão Saber, esse atendimento ocorre de forma mais sistemática e próxima. Quanto ao engajamento, ambas as profissionais relataram não perceber baixo interesse por parte dos alunos, destacando, ao contrário, a participação e o envolvimento durante as atividades desenvolvidas na biblioteca.

À luz das informações apresentadas, observa-se que ambas as bibliotecas estão integradas ao planejamento pedagógico das escolas em que se inserem, evidenciando a parceria entre bibliotecários e professores. As práticas adotadas, como a adequação dos materiais à faixa etária e às necessidades dos alunos, bem como a diversificação dos suportes informacionais e o

apoio às pesquisas direcionadas, ampliam as possibilidades de acesso à informação e contribuem para manter o interesse e a motivação dos estudantes, dialogando com o princípio do **Engajamento** do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). Essas ações revelam um potencial inclusivo, passível de fortalecimento por meio da definição de diretrizes mais intencionais.

Dando continuidade à análise, o próximo eixo aprofunda a discussão sobre a representação da informação e a acessibilidade, examinando como os acervos e as práticas bibliotecárias são organizados para garantir o acesso, a compreensão e o uso da informação por alunos com diferentes perfis e necessidades.

5.2 Representação da informação e acessibilidade nos acervos, no ambiente e nas práticas bibliotecárias (Princípio da Representação)

Neste tópico, analisa-se a forma como a informação é representada e disponibilizada no contexto da biblioteca escolar, a partir da organização do acervo e da seleção de materiais. A análise considera aspectos relacionados à acessibilidade, à diversidade de suportes e à adequação à faixa etária, evidenciando como essas escolhas impactam o acesso à informação por alunos com diferentes necessidades e formas de aprendizagem.

As perguntas são fundamentadas nas diretrizes do Manifesto da IFLA (2025), em Lanzi, Vidotti e Ferneda (2013), em Almeida Júnior (2015), em Oliveira (2022) e em Santos (2024), com base no princípio de representação do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Nesse sentido, a pergunta sobre a mediação de leitura apresentada no Quadro 5 buscou entender como essas atividades são planejadas e desenvolvidas pelas profissionais.

Quadro 5 – Mediação de leitura e participação dos alunos

Pergunta	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
2. Mediação de Leitura e Diversidade: "Imagine que você vai realizar uma mediação de leitura (ex: contação de histórias ou clube de leitura) e há na turma um estudante com deficiência (seja física,	A biblioteca realiza um trabalho voltado ao grupo como um todo; contudo, quando o professor identifica que um aluno precisa de acompanhamento ou de adaptação de material, a escola dispõe de uma equipe que realiza essas adaptações e acompanha o	A mediação é realizada em diversos formatos. Já foram desenvolvidas atividades envolvendo luz, sombra e sons. Como a seleção de materiais considera a idade dos alunos, os livros são escolhidos para atender

sensorial ou intelectual). Como você prepara esse momento para garantir que ele não seja apenas um espectador, mas um protagonista da atividade?"	estudante, sempre em articulação direta com o professor e os estagiários em sala de aula.	todos. Quando algum estudante precisa de acompanhamento mais próximo, esse suporte é oferecido durante a atividade devido ao acolhimento no ambiente da biblioteca, favorecendo o acolhimento e participação ativa no ambiente da biblioteca.
--	---	---

Fonte: Elaboração própria.

Nota: A entrevista completa encontra-se no Apêndice A

No que se refere à mediação de leitura, ambas as bibliotecas pensam na inclusão de todos os alunos desde o planejamento até a aplicação da atividade, prática que dialoga com o DUA, ao considerar diferentes formas de participação e acesso à informação. Na Biblioteca Madre Agathe Verhelle, as adaptações de materiais e o acompanhamento de estudantes com deficiência ocorrem majoritariamente por meio de uma equipe especializada da escola, em articulação com professores e estagiários, o que indica uma integração institucional. Na Biblioteca Conexão Saber, esse acompanhamento é feito diretamente pela bibliotecária.

As respostas evidenciam a preocupação e o cuidado que as bibliotecárias têm ao planejar e realizar as mediações. As estratégias adotadas, ainda que distintas entre as instituições, dialogam com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), ao reconhecer a necessidade de múltiplas formas de acesso, envolvimento e participação no processo de mediação da informação. Considerando que para que essas práticas sejam realizadas com eficiência, é necessário pensar na aquisição e organização do acervo, por isso o quadro a seguir mostra como as informações são representadas e disponibilizadas.

Quadro 6 – Organização do acervo e acesso à informação

Pergunta	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
3. Acessibilidade na Prática: "Ao organizar o acervo ou selecionar novos recursos para a biblioteca, quais critérios você utiliza para garantir que a informação chegue a todos os alunos, independentemente de suas	O critério de seleção do acervo considera, principalmente, as indicações dos próprios alunos e os títulos com maior lista de espera na biblioteca. Além disso, a plataforma Árvore de Livros disponibiliza livros digitais e audiolivros, organizados de	Na organização do acervo e na seleção de materiais, são priorizados livros sensoriais, obras com linguagem acessível, histórias em imagens e adequação à faixa etária. Para os anos iniciais, o acervo é classificado por

limitações sensoriais ou cognitivas? Você poderia dar um exemplo de um material que foi adaptado ou escolhido por esse motivo?"	acordo com a faixa etária dos alunos, ampliando as formas de acesso à informação. No que se refere a materiais adaptados, a bibliotecária relatou não ter conhecimento de versões adaptadas de obras amplamente utilizadas, como Diário de um Banana. [...]	cores, enquanto, a partir do Fundamental I, os livros seguem a classificação CDD combinada com cores, permitindo separação por faixa etária. Até o momento, não houve necessidade de adaptação de materiais; destaca-se, porém, o caso de uma aluna estrangeira, com pouco domínio do português, incluída nas práticas por meio de livros em inglês disponíveis na biblioteca.
---	---	--

Fonte: Elaboração própria.

Nota: A entrevista completa encontra-se no Apêndice A

No que diz respeito à organização do acervo e aos critérios de seleção, as duas instituições adotam estratégias distintas. A Biblioteca Madre Agathe Verhelle prioriza a demanda dos próprios alunos e o uso de recursos digitais, como a plataforma Árvore de Livros, ampliando as formas de acesso à informação por meio de livros digitais e audiolivros.

Já a Biblioteca do Colégio Conexão Saber demonstra maior intencionalidade na seleção de livros sensoriais, obras com linguagem acessível e histórias em imagens, além de adotar sistemas de organização visual do acervo, como a classificação por cores combinada à CDD. Essas estratégias favorecem a autonomia dos estudantes, especialmente nos anos iniciais, e ampliam as possibilidades de compreensão da informação.

Ambas disponibilizam o acervo de forma diversificada, seja por meio de plataformas de livros, de livros sensoriais ou em outros idiomas, contribuindo para que o acesso a informações seja possível para alunos com diferentes perfis de aprendizagem. Porém, a inclusão vai além do espaço físico e os tipos de formatos de materiais oferecidos. Assim o quadro a seguir aborda as atitudes referente ao acolhimento na biblioteca escolar.

Quadro 7 – Inclusão e convivência no espaço da biblioteca

Pergunta	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
----------	----------------------------------	--------------------------

<p>6. Atitude e Inclusão: "Sabemos que a inclusão vai além do espaço físico. Você já vivenciou alguma situação em que precisou mediar uma interação entre alunos com e sem deficiência ou entre professores e alunos? Como foi essa experiência em termos de atitude e acolhimento no ambiente da biblioteca?"</p>	<p>A mediação é realizada por meio de livros e de outros materiais disponíveis, aliada a uma atenção direcionada às necessidades dos alunos naquele momento.</p>	<p>Raramente surgem problemas, já que a diversidade no ambiente escolar é constante e acaba se tornando natural. Os alunos utilizam a biblioteca como um espaço seguro, no qual podem socializar e fazer novas amizades.</p>
---	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Nota: A entrevista completa encontra-se no Apêndice A

As respostas estão relacionadas com o DUA, pois mostram que as práticas de intervenções direcionadas servem como instrumento de inclusão e forma de atender as necessidades dos alunos. Em ambas as bibliotecas, a convivência e a interação entre os alunos refletem a forma como eles enxergam a biblioteca como um espaço seguro de convivência.

Considerando as práticas já desenvolvidas nas bibliotecas, o quadro a seguir aborda a visão de futuro das bibliotecárias, destacando as mudanças que seriam priorizadas para tornar os serviços da biblioteca mais inclusivos e acessíveis.

Quadro 8 - Propostas de reestruturação dos serviços da biblioteca

Pergunta	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
<p>7. Visão de Futuro (Diretrizes): "Se você tivesse recursos e autonomia total para redesenhar o serviço da biblioteca hoje, pensando na diversidade dos seus alunos, qual seria a primeira mudança prática que faria para tornar a mediação da informação mais ativa e inclusiva?"</p>	<p>A existência de espaços adaptados e acolhedores é fundamental, pois muitos alunos utilizam a biblioteca como um local de autorregulação e de convivência.</p>	<p>O foco principal seria a estrutura física da biblioteca. A primeira ação sugerida seria transferi-la para o térreo, próxima à entrada da escola, em um espaço amplo que permita aos alunos transitar, estudar, ler e socializar. Essa mudança facilitaria a participação em projetos e tornaria mais evidente o envolvimento dos estudantes nas atividades.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Nota: A entrevista completa encontra-se no Apêndice A

No que se refere à acessibilidade física e à oferta de materiais em diferentes formatos, nota-se um contraste entre as duas instituições analisadas. A Biblioteca Madre Agathe Verhelle, localizada no térreo da escola, apresenta acesso plano e desobstruído, permitindo circulação livre no espaço. Seu acervo físico é majoritariamente literário, complementado por livros didáticos, de conhecimentos gerais e enciclopédias físicas, além de contar com a plataforma digital *Árvore de Livros*, oferecendo diferentes suportes para a aprendizagem. Já a Biblioteca do Colégio Conexão Saber situa-se no primeiro andar, com acesso exclusivo por escadas, configurando uma barreira para alunos com mobilidade reduzida. Quando perguntadas sobre que mudariam ou repensariam nos serviços das bibliotecas, ambas responderam que priorizariam mudanças no espaço físico da biblioteca, a fim de eliminar barreiras físicas e criar um ambiente ainda mais acolhedor que atendesse ainda mais as necessidades dos alunos.

Dando continuidade à análise, o próximo eixo aborda a ação, expressão e protagonismo dos alunos nas atividades da biblioteca, examinando de que forma os acervos e as práticas bibliotecárias são organizados para garantir o acesso, a compreensão e o uso da informação por alunos com diferentes perfis e necessidades.

5.3 Ação, expressão e protagonismo dos alunos nas atividades da biblioteca (Princípio da Ação/ expressão)

As perguntas são fundamentadas em Sala e Castro Filho (2020) e em Curvo (2021), bem como no princípio da Ação e Expressão, de acordo com o CAST (2024), que compreende a ação física, a expressão e comunicação, bem como o desenvolvimento da função executiva. Este item discute as possibilidades de ação e expressão oferecidas aos alunos nas atividades realizadas na biblioteca escolar, com ênfase no incentivo ao protagonismo e à participação ativa no processo de aprendizagem. Analisa-se como as práticas desenvolvidas favorecem diferentes formas de devolutiva e expressão do conhecimento, para além da escrita tradicional, em consonância com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Quadro 9 - Práticas dos alunos e formas de expressão nas atividades da biblioteca

Pergunta	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
----------	----------------------------------	--------------------------

<p>5. Protagonismo e Expressão: "Em suas atividades, como os alunos costumam 'devolver' ou demonstrar o que aprenderam na biblioteca? Existe abertura para que eles se expressem de formas diferentes (desenho, áudio, uso de tecnologia, oralidade) além da escrita tradicional?"</p>	<p>Alguns alunos realizam a devolutiva das leituras por meio de desenhos, com retorno feito tanto via professora quanto diretamente à biblioteca. As atividades propostas variam conforme os projetos e incluem pesquisa, reescrita de histórias e momentos lúdicos, como dias destinados a jogos.[...]</p>	<p>A contação de histórias é dividida em dois momentos: a própria contação e a “leitura livre”, em que os alunos exploram o acervo. O retorno ocorre por meio da construção do “eu leitor” de cada estudante. Por se tratar de um colégio que atende do berçário ao fundamental II, essa evolução consegue ser acompanhada ao longo do tempo.</p>
---	---	---

Fonte: Elaboração própria.

Nota: A entrevista completa encontra-se no Apêndice A

Na Biblioteca Madre Agathe Verhelle, a devolutiva das leituras ocorre, em alguns casos, por meio de desenhos produzidos pelos alunos, com retorno realizado tanto de forma mediada pela professora quanto diretamente à biblioteca. As atividades desenvolvidas variam conforme os projetos e incluem ações como pesquisa, reescrita de histórias e momentos lúdicos, a exemplo dos dias destinados aos jogos. Observa-se que a ampliação da autonomia dos alunos contribui para maior participação, engajamento e interação no espaço da biblioteca.

Na Biblioteca Conexão Saber, a contação de histórias é estruturada em dois momentos: a narrativa propriamente dita e a “leitura livre”, na qual os alunos exploram o acervo de forma autônoma. A devolutiva dessas atividades ocorre por meio do acompanhamento da construção do “eu leitor” de cada estudante, processo observado ao longo do tempo, considerando que a instituição atende alunos do berçário ao ensino fundamental II.

Ambas as bibliotecas adotam estratégias de aproximação tanto com os docentes quanto com os alunos, buscando consolidar um ambiente acolhedor e participativo. As práticas desenvolvidas favorecem múltiplas formas de expressão, como desenhos, produções autorais, atividades lúdicas e momentos de exploração livre do acervo, possibilitando que os estudantes demonstrem o que aprenderam de acordo com suas habilidades, interesses e níveis de autonomia.

Com o objetivo de sintetizar as práticas analisadas e evidenciar sua relação com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), o Quadro 11 apresenta a articulação entre os projetos desenvolvidos nas bibliotecas escolares e as categorias de engajamento, representação e ação/expressão. A partir dessa análise, a seção seguinte apresenta

diretrizes propositivas para a mediação da informação sob a perspectiva do DUA, tomando como base as práticas observadas e os desafios identificados ao longo da pesquisa.

Quadro 10 – Relação entre projetos desenvolvidos nas bibliotecas escolares e os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA)

CATEGORIAS DO DESENHO UNIVERSAL DE APRENDIZAGEM (DUA)	PROJETOS DESENVOLVIDOS NAS BIBLIOTECAS	
	Pequenos leitores, grandes escritores	Semana do Livro e da Biblioteca (2025)
Engajamento (o “porquê”)	O projeto envolve os alunos em um processo contínuo de autoria, estimulando o interesse, a motivação e o sentimento de pertencimento. A possibilidade de se reconhecerem como autores favorece a participação ativa, a autonomia e o envolvimento ao longo de todo o desenvolvimento do projeto.	A proposta de criação de um livro tátil despertou o interesse e a participação dos alunos, favorecendo o envolvimento ativo.
Representação (o “o quê”)	A biblioteca disponibiliza livros-modelo e diferentes gêneros textuais como referência, permitindo múltiplas formas de acesso à informação e auxiliando na compreensão da estrutura das narrativas. Essa diversidade de materiais atende diferentes formas de aprendizagem.	A seleção dos materiais considerou a faixa etária e as necessidades dos alunos, com o uso de diferentes texturas, suportes e linguagens. Atividades envolvendo luz, sombra e sons ampliaram as formas de acesso à informação, possibilitando múltiplas maneiras de compreensão dos conteúdos trabalhados.
Ação e Expressão (o “como”)	Os alunos expressam o aprendizado por meio da produção de seus próprios livros, utilizando diferentes gêneros textuais. A escrita autoral possibilita múltiplas formas de expressão, valorizando o protagonismo, a criatividade e a construção do conhecimento.	Os alunos expressaram o aprendizado por meio da produção coletiva do livro tátil, utilizando recursos sensoriais e participando ativamente do processo criativo.

Fonte: Elaboração própria.

5.4 Diretrizes propositivas para a mediação da informação sob a perspectiva do DUA

Considerando os espaços, as atividades e as práticas de mediação da informação analisadas nas duas bibliotecas estudadas, bem como as potencialidades e as barreiras identificadas ao longo da pesquisa, estas instituições podem ser tomadas como referência para a proposição das diretrizes a seguir. Tais diretrizes fundamentam-se nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e visam qualificar a atuação da biblioteca escolar como um espaço de aprendizagem ativa, inclusiva e mediadora, capaz de atender à diversidade de perfis e necessidades dos estudantes.

5.4.1 Diretrizes baseadas nos múltiplos meios de engajamento

O princípio do engajamento consiste na valorização do repertório cultural, social e intelectual dos estudantes, considerando seus interesses, motivações e experiências prévias como elementos centrais no planejamento das práticas de mediação da informação. As entrevistas evidenciaram que a participação dos estudantes nas atividades da biblioteca é consistente e se estende para além das ações formalmente planejadas, indicando a existência de um vínculo positivo com o espaço. As falas das bibliotecárias apontam que esse engajamento está diretamente relacionado ao planejamento de atividades que consideram os interesses e os repertórios dos alunos, ainda que tais práticas não estejam explicitamente fundamentadas no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Diretriz 1 – Desenvolver ações colaborativas entre biblioteca e docentes

Criar comunidades, equipes e parcerias que impulsionam o pensamento e o cuidado prático um pelo outro é uma forma de apoio aos alunos. (CAST, 2024). As falas indicam que o planejamento conjunto entre bibliotecárias e professores favorece a integração das atividades da biblioteca ao currículo escolar. Dessa forma, propõe-se o fortalecimento dessa articulação como estratégia para ampliar o engajamento dos estudantes e tornar as práticas mais significativas e contextualizadas.

Diretriz 2 – Promover um ambiente acolhedor e participativo

A empatia tem o potencial de construir e sustentar uma comunidade de aprendizagem cuidadosa (CAST, 2024). Observou-se, a partir das entrevistas, que os alunos frequentam a biblioteca também fora dos momentos de atividades dirigidas, o que sugere que o espaço é percebido como acolhedor. Assim, recomenda-se a manutenção e o fortalecimento de práticas que incentivem a autonomia, a livre circulação e a interação social no ambiente da biblioteca.

5.4.2 Diretrizes baseadas nos múltiplos meios de representação

O princípio da representação ressalta que o conteúdo pode ser apresentado por meio de diferentes formatos e suportes, ampliando as possibilidades de compreensão. Para isso, podem ser utilizados recursos como livros, quizzes, vídeos, entre outros, considerando as distintas formas de percepção, acesso e processamento da informação. As entrevistas revelaram que as bibliotecas utilizam diferentes recursos informacionais para apoiar as atividades desenvolvidas, ainda que de forma intuitiva. As falas das bibliotecárias indicam a preocupação em diversificar os materiais oferecidos, o que dialoga diretamente com o princípio da representação do DUA.

Diretriz 1 – Mediar o acesso à informação de forma intencional

Uma das formas mais eficazes de tornar a informação mais acessível é utilizar indicações ou orientações explícitas como auxílio à pesquisa, evitando a sobrecarga com informações menos significativas (CAST, 2024). As entrevistas destacam o papel ativo da bibliotecária no apoio aos estudantes durante as atividades. Assim, recomenda-se fortalecer a mediação intencional, orientando os alunos quanto às diferentes formas de acesso, leitura e compreensão da informação disponível.

Diretriz 2 – Integrar recursos acessíveis e tecnologias assistivas.

A informação torna-se mais acessível e mais facilmente compreendida pelos alunos quando é apresentada de forma a preparar, ativar ou fornecer conhecimentos prévios necessários (CAST, 2024). Embora nem sempre nomeadas como práticas de acessibilidade, as falas apontam esforços para adaptar materiais e estratégias conforme as necessidades dos alunos. Dessa forma, propõe-se que a biblioteca incorpore, de maneira planejada, recursos acessíveis e tecnologias assistivas, visando reduzir barreiras informacionais.

5.4.3 Diretrizes baseadas nos múltiplos meios de ação e expressão

O princípio da ação e da expressão orienta o planejamento e a execução das atividades, ao possibilitar que os estudantes demonstrem sua aprendizagem de diferentes formas. Nesse contexto, o aluno assume papel protagonista, seja por meio da confecção de um livro, da reescrita de um conto, da realização de pesquisas guiadas, entre outras estratégias que valorizam a autonomia e a expressão individual. As falas das entrevistadas evidenciaram a realização de atividades que estimulam a participação ativa dos estudantes, permitindo que expressem seus aprendizados de diferentes formas. Essas práticas, ainda que não formalizadas teoricamente, alinham-se ao princípio da ação e da expressão do DUA.

Diretriz 1 – Estimular o protagonismo estudantil nas atividades

Ferramentas midiáticas contemporâneas oferecem um conjunto de recursos mais flexível, criativo e acessível, possibilitando que os alunos participem de forma mais ativa do próprio processo de aprendizagem e expressem seus conhecimentos por diferentes meios (CAST, 2024). As entrevistas indicam maior envolvimento dos estudantes nas ações propostas, especialmente quando lhes é garantida autonomia para criar, opinar e tomar decisões. Nesse sentido, recomenda-se o incentivo ao protagonismo estudantil no planejamento e na execução das atividades desenvolvidas na biblioteca escolar, de modo a fortalecer o senso de pertencimento, a autonomia e a participação significativa no processo educativo.

Diretriz 2 – Desenvolver pesquisas guiadas e projetos investigativos

As falas evidenciam que a biblioteca é utilizada como espaço de apoio à pesquisa escolar. Em vez de enfatizar o produto final, as aprendizagens mais significativas podem ocorrer ao longo do próprio processo (CAST, 2024). Assim, recomenda-se estruturar práticas de pesquisa guiada, nas quais o bibliotecário atue como mediador do uso das fontes de informação e do desenvolvimento do pensamento crítico.

As diretrizes apresentadas não se configuram como um modelo fechado, mas como orientações flexíveis que podem ser adaptadas às realidades institucionais. Fundamentadas nos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem, elas reforçam o papel da biblioteca escolar como espaço de mediação da informação, aprendizagem ativa e inclusão, capaz de atender à diversidade de perfis e necessidades dos estudantes.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as práticas de mediação da informação desenvolvidas em bibliotecas escolares, à luz dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), considerando as dimensões da inclusão, da acessibilidade e da aprendizagem ativa. A partir de uma abordagem qualitativa, fundamentada em entrevistas com bibliotecárias e observação do campo, foi possível compreender como a biblioteca escolar se configura como espaço mediador no cotidiano educacional.

A pesquisa bibliográfica e documental contribuiu para atingir dois objetivos centrais deste estudo: a) discutir o papel do bibliotecário escolar como mediador da informação, relacionando metodologias ativas, competência em informação e autonomia dos estudantes; e caracterizar as dimensões da acessibilidade física, informacional e atitudinal na biblioteca escolar, considerando as diretrizes legais e os desafios práticos da inclusão. Construindo uma base teórica sólida que fundamenta a atuação do bibliotecário como agente essencial no processo educativo.

Os resultados evidenciaram que, embora o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) não seja adotado de forma explícita como referencial teórico, as bibliotecas investigadas desenvolvem práticas que se alinham aos seus princípios, especialmente no que diz respeito ao engajamento dos estudantes, à diversificação dos meios de acesso à informação e à valorização do protagonismo discente. Como limitações do estudo, destaca-se o recorte do campo empírico, restrito à análise de duas bibliotecas escolares, o que não permite generalizações dos resultados. Ainda assim, os achados da pesquisa fornecem subsídios relevantes para reflexões e investigações

As entrevistas realizadas e a análise dos dados obtidos permitiram atingir três objetivos centrais desta pesquisa. O primeiro consistiu em investigar as estratégias de mediação da leitura adotadas por bibliotecários escolares, com ênfase na participação de estudantes com deficiência. O segundo envolveu diagnosticar barreiras informacionais, físicas e atitudinais, à luz dos princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (engajamento, representação e ação/expressão). Por fim, o terceiro objetivo consistiu em propor diretrizes para a implementação de serviços e produtos informacionais inclusivos na biblioteca escolar, integrando metodologias ativas e promovendo a aprendizagem participativa e equitativa.

As diretrizes relacionadas ao engajamento destacaram a importância da colaboração entre bibliotecários e professores, bem como da construção de um ambiente acolhedor e participativo, capaz de fortalecer o vínculo dos estudantes com a biblioteca. Já as diretrizes

fundamentadas nos múltiplos meios de representação enfatizaram a necessidade de diversificar formatos e suportes informacionais, bem como de incorporar recursos acessíveis e tecnologias assistivas, contribuindo para a redução de barreiras informacionais. Por fim, as diretrizes baseadas nos múltiplos meios de ação e expressão reforçaram o protagonismo estudantil e o papel da biblioteca como espaço privilegiado para o desenvolvimento de pesquisas guiadas e projetos investigativos.

Ressalta-se que as diretrizes propostas se configuram como orientações flexíveis, passíveis de adaptação às diferentes realidades institucionais. Seu principal valor reside na articulação entre teoria e prática, evidenciando que a biblioteca escolar, quando orientada por princípios inclusivos como os do DUA, pode contribuir significativamente para a mediação da informação, o desenvolvimento do pensamento crítico e a promoção de uma educação mais equitativa futuras, especialmente no que se refere à formação do bibliotecário escolar, à integração da biblioteca ao projeto pedagógico da escola e à adoção intencional do Desenho Universal para a Aprendizagem como referencial para o planejamento das práticas de mediação da informação.

Conclui-se que a biblioteca escolar desempenha um papel estratégico na promoção da inclusão, da acessibilidade e da aprendizagem ativa, reafirmando-se como um espaço educativo fundamental no contexto escolar contemporâneo. Espera-se que os resultados deste estudo possam subsidiar políticas públicas, programas de formação continuada e ações institucionais voltadas à modernização e à inclusão nas bibliotecas escolares, apoiando pesquisadores, gestores e instituições interessadas em transformar esses espaços em ambientes de aprendizagem ativa, participação cidadã e construção coletiva do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. L. Biblioteca acessível: eliminando barreiras. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, n., 2017.

AMATO, Luciano et al (org.). *Diversidade e Inclusão e suas dimensões*. São Paulo: Literare Books, 2022.

AMORIM Antunes, M. L., & Sirihal Duarte, A. B. (2016). Guided inquiry e construtivismo: novos métodos de aprendizagem e a biblioteca escolar. ***Biblioteca Escolar Em Revista***, 5(1), 19-35. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2016.112156>. Acesso em: 06 jul. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050:2020 – Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2020. Disponível em: https://www.confex.org.br/midias/acessibilidade_abnt_2022.pdf. Acesso em: 08 mai. 2025.

AUSUBEL, David. *Aquisição e retenção de conhecimentos*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/livroAusubel.2000_Aquisicao_e_retencao_de_conhecimentos.pdf. Acesso em: 09 out. 2025.

BEDIN, Jéssica. **A atuação do bibliotecário escolar na formação de estudantes pesquisadores no ensino médio**. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciência da Informação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BOCK, Geisa Letícia Kempfer; GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano Henrique. Desenho Universal para a Aprendizagem: a produção científica no período de 2011 a 2016. ***Revista Brasileira de Educação Especial***, [S.L.], v. 24, n. 1, p. 143-160, mar. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382418000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/ntsFQKh3yqVMvJCpyWfQd4y/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal.pdf. Acesso em: 01 dez. 2025.

BRASIL. Conselho Federal de Biblioteconomia. Resolução nº 220, de 2020. **Repositório CFB**, Brasília, DF. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/1349>. Acesso em: 13 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 12.244, de maio de 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm. Acesso em: 15 set. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015. Disponível

em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 16 set. 2024.

CAMILLO, E. da S.; SILVA, B. D. de O. Gestão da diversidade na biblioteca escolar: implicações no ODS 10 da Agenda 2030. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 26, n. 3, p. 1–17, 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1819>

CAMPELLO, B. S. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Acesso em: 18 set. 2024.

CARMO, Michelle Souza do. **A BIBLIOTECA ESCOLAR E AS DIFERENTES POSSIBILIDADES DE MEDIAÇÃO DA LEITURA**. 2012. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012. Acesso em: 20 set. 2024.

CAST Universal Design for Learning Guidelines version 3.0. 2024. Disponível em: <https://udlguidelines.cast.org/>. Acesso em: 3 dez. 2025.

COLÉGIO Santa Cecília: nossa história. nossa história. Disponível em: <https://www.santacecilia.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 08 jan. 2026.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. *Resolução CFB nº 246, de 30 de novembro de 2021*. Dispõe sobre os parâmetros a serem adotados para a estruturação e o funcionamento das bibliotecas universitárias. Brasília, DF: CFB, 2021. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/1378>. Acesso em: 15 out. 2025.

CASSÓN, Lionel. *Libraries in the Ancient World*. New Haven: Yale University Press, 2001.

Costa, A. C. de A., & Chalhub, T. (2021). O uso das tecnologias assistivas na mediação da informação em biblioteca escolar: acessibilidade para alunos com deficiência visual. **Biblioteca Escolar Em Revista**, 7(2), 1-16. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2021.184665> . Acesso em: 18 set. 2024.

COSTA, Juliane Medianeira da Silva. *Desenho Universal para Aprendizagem: da teoria à prática*. Santa Maria: UFSM, [2023]. E-book (Produto Educacional). Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/542/2023/10/Produto-Juliane-Medianeira-Da-Silva-Costa.pdf> . Acesso em: 20 dez 2025

CURVO, L. F. S. Biblioteca escolar e a igualdade racial. *Ciência da Informação Express*, Lavras, v. 2, n. 10, p. 1-4, 21 de out 2021.

ESCOLAR, P. A. B. **Diretrizes da IFLA**. Disponível em: <<https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2024.

FLEURY, Maria Tereza Leme; WERLANG, Sérgio R. C. **Pesquisa aplicada: conceitos e abordagens**. FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. 2016: Anuário de Pesquisa 2016-2017. São Paulo: FGV, [2016 ou 2017]. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/apgvpesquisa/issue/view/4030>. Acesso em: 14 dez. 2025

FONSECA, Marília de Abreu Martins. **Biblioteca escolar: espaço de leitura na escola**. São Paulo: Ática, 2004.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar/abr. 1995. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-75901995000200008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 dez. 2025.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes da Ifla para a biblioteca escolar**. Portugal: Secção de Bibliotecas Escolares da IFLA, 2025. Disponível em: <https://repository.ifla.org/rest/api/core/bitstreams/f4228eaa-48aa-4d95-be1e-467cdc2948f4/content>. Acesso em: 30 nov. 2025

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes da Ifla para a biblioteca escolar**. Portugal: Secção de Bibliotecas Escolares da IFLA, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 09 set. 2024

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Manifesto Ifla/Unesco para biblioteca escolar**. 2005. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). Disponível em: <https://www.ifla.org/>. Acesso em: 13 out. 2025.

JUNIOR, Eduardo Brandão Lima et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. *Cadernos da FUCAMP*, v. 20, n. 44, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 14 dez. 2025

LANZI, Lucirene Andréa Catini; FERNEDA, Edberto; VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. *A biblioteca escolar e a geração nativos digitais: construindo novas relações*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. (Coleção PROPG Digital - UNESP). ISBN 9788579834677.

MATA, M. L.; GERLIN, M. N. M. **Programa para a formação em competência em informação visando uma educação que auxilie no combate à desinformação: enfoque nos critérios de avaliação da informação e de fake news**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 20, 2019, Londrina. Anais[...]. Londrina, PR: ANCIB; PPGCI/UDEL, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1143/501>. Acesso em: 14 set. 2024.

MATTOS, Laura. **Brasil tem 3,5 vezes mais alunos com deficiência do que indicam dados oficiais, diz pesquisa**. 2024. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/noticias/brasil/brasil-tem-35-vezes-mais-alunos-com-deficiencia-do-que-indicam-dados-oficiais-diz-pesquisa/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

MOORE, Stephanie L.. David H. Rose, Anne Meyer, *Teaching Every Student in the Digital Age: universal design for learning*. **Educational Technology Research And Development**,

[S.L.], v. 55, n. 5, p. 521-525, 17 ago. 2007. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11423-007-9056-3>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/225336097_David_H_Rose_Anne_Meyer_Teaching_Every_Student_in_the_Digital_Age_Universal_Design_for_Learning. Acesso em: 14 jan. 2026.

MORO, Eliane Lourdes da Silva et al (org.). **#somostodosbibliotecaescolar**. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2021. 182 p. Acesso em: 18 set. 2024.

MORO, E. L. S.; ESTABEL, L. B. A pesquisa escolar propiciando a integração dos atores – alunos, educadores e bibliotecários – irradiando o benefício coletivo e a cidadania em um ambiente de aprendizagem mediado por computador. **Revista Renote: Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p.1-10, mar. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/13662>>. Acesso em: 27 set. 2024.

MOTTA, Diana da. Biblioteca escolar: orientações básicas para organização e funcionamento. **Revista do Professor**, Porto Alegre, v. 15, n. 58, p. 21-24, abr./jun. 1999. Acesso em: 10 set. 2024.

MOTTA, Keila. **Você sabe como surgiu o Desenho Universal?** 2019. Disponível em: <https://www.cvi-rio.org.br/site/voce-sabe-como-surgiu-o-desenho-universal/>. Acesso em: 01 dez. 2025.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. *Educação de qualidade – ODS 4*. Brasília: Nações Unidas no Brasil, 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 15 out. 2025.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. *Redução das desigualdades – ODS 10*. Brasília: Nações Unidas no Brasil, 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/10>. Acesso em: 15 out. 2025.

OLIVEIRA, A. J. A. A estimulação da leitura em alunos com diversidade funcional no contexto da biblioteca escolar: um estudo de caso. **Medi@ções**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 36–53, 2022. DOI: 10.60546/mo.v9i2.305. Disponível em: <https://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/305>. Acesso em: 14 out. 2025.

OLIVEIRA, Édison Trombeta de. **Projetos e metodologias ativas de aprendizagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigitalsenac.com.br>. Acesso em: 09 out. 2025.

OLIVEIRA, Ray. Desenho Universal para Aprendizagem. In: *Sala de Recursos Revista*. vol.3, n.2, p. 51 -60, jul. – dez. 2022. Disponível em:<<http://www.saladerecursos.com.br>>. Acesso em: 03 dez. 2025.

PAIVA, Raquel Miranda Vilela. **A biblioteca escolar e os nativos digitais**. 2018. 181 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós- Graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/23bd85f4-e223-4757-ae8b-8df66205133e>. Acesso em: 25 nov. 2025.

PANORAMA da Educação no Brasil segundo o Censo Escolar 2024. 2025. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog-censo-escolar-2024-panorama-da-educacao-no-brasil/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

PEREIRA, Gleice, et al. “O Lugar Da Biblioteca E Do bibliotecário Na Base Nacional Comum Curricular”. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, vol. 15, maio de 2021, p. e02110, <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2021.v15.e02110>.

PINHEIRO, A. L.; OLIVEIRA, H. V. **Tecnologia assistiva no processo de mediação da informação aos usuários com deficiência visual em biblioteca universitária**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. Anais [...]. Londrina: UEL, 2018. p. 2108-2116. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102315>. Acesso em: 16 set. 2024.

PUBLICAÇÃO do IRM apresenta dados da Educação Especial no Brasil entre 2013 e 2024. 2025. Elaborada por Instituto Rodrigo Mendes. Disponível em: <https://institutorodrigomendes.org.br/panorama-educacao-especial-2024/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

RODRIGUES, M. E. F.; et al.. A biblioteca e o bibliotecário no imaginário popular. **Biblionline**, v. 9, n. 1, 2013. Acesso em: 10 set. 2024.

ROSALIN, Mariliz Cristiane. Desenho Universal para a Aprendizagem: Contribuições à Prática Pedagógica do Professor da Sala de Recursos Multifuncionais. 2022. Produto Educacional (Mestrado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/740353>. Acesso em: 20 dez. 2025.

Sala, F., & Militão, S. C. N. Biblioteca escolar no Brasil: origem e legislação nacional educacional. Anais do 13 Congresso Nacional de Educação, Editora PUCPR, 2017.

Sala, F., & Castro Filho, C. M. de. (2020). Biblioteca escolar e as relações de trabalho colaborativo: mediação e apropriação cultural no ambiente educacional. *Revista Brasileira De Biblioteconomia E Documentação*, 16, 1–19. Recuperado de <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1399>. Acesso em: 08 out. 2025.

SAMPAIO, Renata Kelly Oliveira; FARIAS, Gabriela Belmont de. Biblioteca escolar inclusiva: análise acerca do transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal Of Information Science: research trends**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 020007, 4 set. 2020. Faculdade de Filosofia e Ciências. <http://dx.doi.org/10.36311/1940-1640.2020.v14n3.10302> .

SÁNCHEZ, P. A. Las escuelas son para todos. 2 ed. Madrid: Siglo Cero. 1996.

SANTOS, Iolanda Montano dos. **Inclusão escolar e a educação para todos**. 2010. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

Santos, J. M. (2013). O processo evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira De Biblioteconomia E Documentação**, 8(2), 175–189. Recuperado de <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/237>. Acesso em: 10 set. 2024.

SANTOS, K. G. D.; CARVALHO, K. A. Acessibilidade e tecnologia assistiva em bibliotecas universitárias: estudo de caso no centro federal de educação tecnológica de Minas Gerais. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, Brasília, v. 13, n. 1, p. 5-19, jan./abr. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/22362/25333>. Acesso em: 15 out. 2025.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. **Mediação da informação**: uma análise histórica e discursiva da constituição e desenvolvimento dos conceitos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019. Anais [...] XX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2019.

SANTOS, S. L. A biblioteca escolar na formação do cidadão e o papel do bibliotecário.

Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal), v., n. 22, 2024. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/v/323880>. Acesso em: 9 jan. 2026.

Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D. de, & Guindani, J. F. (2009). Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira De História & Ciências Sociais*, 1(1).

<https://doi.org/10.63595/rbhcs.v1i1.10351>. Acesso em 14 dez. 2025

SEBASTIÁN-HEREDERO, Eladio. Diretrizes para o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA). **Revista Brasileira de Educação Especial**, [S.L.], v. 26, n. 4, p. 733-768, out. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0155>.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/F5g6rWB3wTZwyBN4LpLgv5C/?lang=pt&format=html>

. Acesso em: 01 dez. 2025.

SILVA, I. M.; LUCAS, L. A. V.; VIEIRA, F. S. A biblioteca na mediação acessível e inclusiva: quebrando barreiras, abrindo portas para o mundo. **Senac.DOC**: revista de informação e conhecimento, v. 7, n., 2022. Acesso em: 20 set. 2024.

SILVA, Naiara Amália da. **Competências digitais no cotidiano dos Bibliotecários**. 2022. 141 p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós- Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação, Universidade Federal de Santa Catarina, Araranguá, 2022.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247518>. Acesso em: 28 nov. 2025.

SOUZA, Mônica Sena de; COSTA, Maria de Fátima Oliveira; TABOSA, Hamilton Rodrigues; ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Acessibilidade e inclusão informacional.

Informação & Informação, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 1-16, 19 jun. 2013. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2013v18n1p1>. Acesso em: 20 dez. 2025

UNESCO. Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais, 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: UNESCO, 1994. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por. Acesso em: 18 dez. 2025.

UNESCO. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília, DF: CORDE, 1994. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/9971>. Acesso em: 18 dez. 2025.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Revista Educação Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 22, n. 2, p. 147-155, abr. 2018. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2018.222.04>. Acesso em: 30 nov. 2025.

APÊNDICE A – Respostas integrais das entrevistas sobre as bibliotecas escolares

Pergunta Baseada em Cenário / Prática	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
<p>1. Planejamento Pedagógico: "Pense em um projeto ou atividade recente em que você colaborou com um professor. Como foi o processo de escolha dos materiais e da dinâmica? De que maneira vocês pensaram no engajamento dos alunos que costumam participar menos?"</p>	<p>Os projetos são desenvolvidos ao longo de todo o ano letivo, sendo que cada série, a partir do segundo ano do Fundamental, possui um projeto fixo com duração anual, dividido em abertura, desenvolvimento e culminância. As atividades ocorrem tanto na biblioteca quanto em outros espaços da escola, e os materiais são escolhidos em parceria com os professores. Um exemplo é o projeto <i>Pequenos Leitores, Grandes Escritores</i>, no qual os alunos recebem um livro em branco e vão preenchendo ao longo do projeto com conteúdos de diferentes gêneros textuais, como cartas, com o apoio de livros-modelo disponibilizados pela biblioteca. Quanto ao engajamento, a biblioteca não consegue acompanhar todos os alunos individualmente devido à quantidade de projetos, mas, quando um professor sinaliza um estudante específico, é feito um acompanhamento mais próximo para garantir participação ativa.</p>	<p>Pode ser citado o projeto Semana do Livro e da Biblioteca (2025), com foco na acessibilidade, no qual os alunos criaram um livro tátil. O planejamento ocorreu em parceria entre biblioteca e professores, com seleção de materiais de acordo com a faixa etária e as necessidades dos alunos. Algumas aulas são realizadas na biblioteca, e possíveis necessidades ou sensibilidades são identificadas previamente para garantir a participação de todos. Quando necessário, é oferecido acompanhamento individual durante a atividade.</p>
<p>2. Mediação de Leitura e Diversidade: "Imagine que você vai realizar uma mediação de leitura (ex: contação de histórias ou clube de leitura) e há na turma um estudante com deficiência (seja física, sensorial ou intelectual). Como você prepara esse momento para garantir que ele não seja apenas um espectador, mas um</p>	<p>A biblioteca realiza um trabalho voltado ao grupo como um todo; contudo, quando o professor identifica que um aluno precisa de acompanhamento ou de adaptação de material, a escola dispõe de uma equipe que realiza essas adaptações e acompanha o estudante, sempre em articulação direta com o professor e os estagiários em sala de aula.</p>	<p>A mediação é realizada em diversos formatos. Já foram desenvolvidas atividades envolvendo luz, sombra e sons. Como a seleção de materiais considera a idade dos alunos, os livros são escolhidos para atender a todos. Quando algum estudante precisa de acompanhamento mais próximo, esse suporte é oferecido durante a atividade, devido ao acolhimento no ambiente da biblioteca, favorecendo o</p>

Pergunta Baseada em Cenário / Prática	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
protagonista da atividade?"		acolhimento e a participação ativa no ambiente da biblioteca.
<p>3. Acessibilidade na Prática: "Ao organizar o acervo ou selecionar novos recursos para a biblioteca, quais critérios você utiliza para garantir que a informação chegue a todos os alunos, independentemente de suas limitações sensoriais ou cognitivas? Você poderia dar um exemplo de um material que foi adaptado ou escolhido por esse motivo?"</p>	<p>O critério de seleção do acervo considera, principalmente, as indicações dos próprios alunos e os títulos com maior lista de espera na biblioteca. Além disso, a plataforma Árvore de Livros disponibiliza livros digitais e audiolivros, organizados de acordo com a faixa etária dos alunos, ampliando as formas de acesso à informação. No que se refere a materiais adaptados, a bibliotecária relatou não ter conhecimento de versões adaptadas de obras amplamente utilizadas, como Diário de um Banana. Nessas situações, são frequentemente utilizados livros compostos apenas por imagens, previamente separados para esse fim. A demanda por esse tipo de material geralmente parte do docente, que recorre à biblioteca como apoio pedagógico, utilizando esses recursos para trabalhar a construção de histórias com os alunos, em um fluxo de mediação que envolve professor, biblioteca e estudantes.</p>	<p>Na organização do acervo e na seleção de materiais, são priorizados livros sensoriais, obras com linguagem acessível, histórias em imagens e adequação à faixa etária. Para os anos iniciais, o acervo é classificado por cores, enquanto, a partir do Fundamental I, os livros seguem a classificação CDD combinada com cores, permitindo separação por faixa etária. Até o momento, não houve necessidade de adaptação de materiais; destaca-se, porém, o caso de uma aluna estrangeira, com pouco domínio do português, incluída nas práticas por meio de livros em inglês disponíveis na biblioteca.</p>
<p>4. Barreiras e Metodologias Ativas: "Muitas vezes, os alunos encontram dificuldades para realizar pesquisas de forma autônoma. Quando você percebe que um estudante com deficiência está 'travado' em uma atividade de busca de informação, quais caminhos ou</p>	<p>Devido ao intenso movimento na biblioteca, nem sempre é possível acompanhar diretamente as pesquisas, além de essa demanda não ser recorrente. Em geral, o direcionamento parte do professor, seja para pesquisas digitais, nas quais os alunos localizam as informações de forma orientada, seja para pesquisas no acervo físico,</p>	<p>As demandas de pesquisa costumam ser específicas por se tratar de crianças, sendo trabalhadas junto com o aluno, orientando-o a formular a pesquisa e encontrar as respostas.</p>

Pergunta Baseada em Cenário / Prática	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
ferramentas você oferece para que ele supere essa barreira?"	quando o docente entra em contato com a biblioteca para verificar a disponibilidade de materiais sobre determinados temas. Destaca-se, contudo, que a pesquisa tem ocorrido majoritariamente em ambiente digital, inclusive em razão da dificuldade de aquisição de materiais físicos sobre alguns temas de Ciências e História voltados ao público do Ensino Fundamental I. Em atividades como a Mostra de Ciências, por exemplo, é realizado previamente o levantamento do acervo necessário para subsidiar o desenvolvimento dos trabalhos dos alunos.	
<p>5. Protagonismo e Expressão: "Em suas atividades, como os alunos costumam 'devolver' ou demonstrar o que aprenderam na biblioteca? Existe abertura para que eles se expressem de formas diferentes (desenho, áudio, uso de tecnologia, oralidade) além da escrita tradicional?"</p>	Alguns alunos realizam a devolutiva das leituras por meio de desenhos, com retorno feito tanto via professora quanto diretamente à biblioteca. As atividades propostas variam conforme os projetos e incluem pesquisa, reescrita de histórias e momentos lúdicos, como dias destinados a jogos. Observa-se que a ampliação da autonomia dos alunos favorece maior participação, engajamento e interação no espaço da biblioteca. Além disso, há dias fixos destinados ao uso lúdico da biblioteca, nos quais os alunos podem jogar no espaço, utilizando tanto os jogos disponíveis no acervo quanto jogos trazidos por eles próprios, reforçando a biblioteca como ambiente de convivência, interação e engajamento.	A contação de histórias é dividida em dois momentos: a própria contação e a “leitura livre”, em que os alunos exploram o acervo. O retorno ocorre por meio da construção do “eu leitor” de cada estudante. Por se tratar de um colégio que atende do berçário ao fundamental II, essa evolução consegue ser acompanhada ao longo do tempo.
<p>6. Atitude e Inclusão: "Sabemos que a inclusão vai além do espaço físico. Você já vivenciou alguma situação em que</p>	A mediação é realizada por meio de livros e de outros materiais disponíveis, aliada a uma atenção direcionada às	Raramente surgem problemas, já que a diversidade no ambiente escolar é constante e acaba se tornando natural. Os

Pergunta Baseada em Cenário / Prática	Biblioteca Madre Agathe Verhelle	Biblioteca Conexão Saber
<p>precisou mediar uma interação entre alunos com e sem deficiência ou entre professores e alunos? Como foi essa experiência em termos de atitude e acolhimento no ambiente da biblioteca?"</p>	<p>necessidades dos alunos naquele momento.</p>	<p>alunos utilizam a biblioteca como um espaço seguro, no qual podem socializar e fazer novas amizades.</p>
<p>7. Visão de Futuro (Diretrizes): "Se você tivesse recursos e autonomia total para redesenhar o serviço da biblioteca hoje, pensando na diversidade dos seus alunos, qual seria a primeira mudança prática que faria para tornar a mediação da informação mais ativa e inclusiva?"</p>	<p>A existência de espaços adaptados e acolhedores é fundamental, pois muitos alunos utilizam a biblioteca como um local de autorregulação e de convivência.</p>	<p>O foco principal seria a estrutura física da biblioteca. A primeira ação sugerida seria transferi-la para o térreo, próxima à entrada da escola, em um espaço amplo que permita aos alunos transitar, estudar, ler e socializar. Essa mudança facilitaria a participação em projetos e tornaria mais evidente o envolvimento dos estudantes nas atividades.</p>

Fonte: Elaboração própria.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (tcle)

Você está sendo convidado(a) a participar, de forma voluntária, da pesquisa intitulada TRANSFORMANDO A BIBLIOTECA ESCOLAR: ABORDAGENS PARA UM AMBIENTE DE APRENDIZADO CRÍTICO E ACESSÍVEL.” desenvolvida por Liane Fontenele Santos, vinculada à Universidade Federal do Ceará.

Sua participação não é obrigatória. Antes de decidir, leia atentamente as informações a seguir. Caso tenha dúvidas, sinta-se à vontade para perguntar, para que todos os procedimentos da pesquisa sejam devidamente esclarecidos.

Objetivo da pesquisa

A pesquisa tem como objetivo analisar a aplicabilidade das metodologias ativas como estratégias de mediação da informação na biblioteca escolar, considerando seu potencial para promover a apropriação da informação e o protagonismo de estudantes com deficiência, à luz do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA).

Procedimentos da pesquisa

Sua participação consistirá na realização de uma entrevista semiestruturada, presencial, previamente agendada conforme sua disponibilidade. A entrevista abordará questões relacionadas à sua atuação profissional na biblioteca escolar, às práticas de mediação da informação e da leitura, e às estratégias adotadas para atender estudantes com diferentes necessidades educacionais.

Com sua autorização, a entrevista poderá ser gravada em áudio, exclusivamente para fins de transcrição e análise dos dados. As informações coletadas serão utilizadas apenas para esta pesquisa, de caráter acadêmico, incluindo a elaboração de monografia, artigos científicos e possíveis apresentações em eventos da área.

Riscos e desconfortos

A pesquisa apresenta risco mínimo, podendo haver apenas eventual desconforto ao responder algumas perguntas. Caso isso ocorra, você poderá interromper a entrevista a qualquer momento ou optar por não responder a determinadas questões, sem qualquer prejuízo.

Benefícios

Não há benefícios diretos e imediatos ao participante. Entretanto, espera-se que os resultados da pesquisa contribuam para a reflexão e o aprimoramento das práticas de mediação da informação, inclusão e acessibilidade nas bibliotecas escolares.

Sigilo e confidencialidade

Todas as informações fornecidas serão tratadas com sigilo e confidencialidade. O nome do(a) participante e quaisquer dados que possam possibilitar sua identificação, bem como o nome da instituição, serão preservados (ou divulgados apenas se houver autorização prévia). Somente informações públicas da instituição poderão ser mencionadas.

Direitos do participante

Você poderá recusar-se a participar ou desistir da pesquisa a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo profissional ou pessoal.

Informamos que não haverá qualquer tipo de pagamento ou compensação financeira pela sua participação na pesquisa.

Endereço d(os, as) responsável(is) pela pesquisa:

Nome: Liane Fontenele Santos
 Instituição: Universidade Federal do Ceará
 Endereço: 2º andar do Bloco Ícaro de Sousa Moreira, Avenida da Universidade, 2762,
 Benfica, Fortaleza - CE, CEP 60020-181
 Telefones para contato: (88) 98847-1157

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEP/UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: (85)3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Declaro que li e compreendi as informações acima, tive a oportunidade de esclarecer minhas dúvidas e concordo, de forma livre e esclarecida, em participar da pesquisa, recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ____/____/____

Nome do(a) participante: _____

Assinatura: _____ Data: ____ / ____ / _____

Nome da pesquisadora: Liane Fontenele

Assinatura: _____ Data: ____ / ____ / _____